

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PRODUÇÃO EDITORIAL

Raquel Scremin

**POSSIBILIDADES PARA O PRODUTOR EDITORIAL NA EDUCAÇÃO:  
ESTUDO DE CASO DA EDUMIX- EDITORA ABERTA**

Santa Maria, RS, Brasil  
2015

**Raquel Scremin**

**POSSIBILIDADES PARA O PRODUTOR EDITORIAL NA EDUCAÇÃO: ESTUDO  
DE CASO DA EDUMIX- EDITORA ABERTA**

Monografia apresentada à Comissão de Trabalho de Conclusão de Curso, do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito para obtenção do Grau de Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosane Rosa

Santa Maria, RS  
2015

**Raquel Scremin**

**POSSIBILIDADES PARA O PRODUTOR EDITORIAL NA EDUCAÇÃO: ESTUDO  
DE CASO DA EDUMIX- EDITORA ABERTA**

Monografia apresentada à Comissão de Trabalho de Conclusão de Curso, do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito para obtenção do Grau de Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial.

Aprovado em 17 de dezembro de 2015:

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosane Rosa**  
Orientadora (UFSM)

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Regina Ziliotto Bomfá (UFSM)**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Marília de Araujo Barcellos (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2015.

## RESUMO

### POSSIBILIDADES PARA O PRODUTOR EDITORIAL NA EDUCAÇÃO: ESTUDO DE CASO DA EDUMIX - EDITORA ABERTA

AUTORA: Raquel Scremin

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosane Rosa

A educomunicação vai além do uso das tecnologias e não se resume na educação ou na comunicação e sim na relação entre ambas e busca a transformação social. Neste contexto o editor pode se apropriar da educomunicação para a criação de recursos educacionais buscando promover uma educação aberta, bem como, a emancipação dos sujeitos envolvidos. Essa produção surge como uma alternativa de atuação profissional devido à demanda proporcionada pelo crescimento da educação à distância. Assim, a indagação que norteou este trabalho foi: qual é o papel do editor na produção de Recursos Educacionais Abertos e as possibilidades no mercado editorial didático? Dessa forma, esta pesquisa teve como metodologia definida o estudo de caso da EduMIX - Editora Aberta, combinado com duas técnicas: a pesquisa bibliográfica e a análise documental para o cumprimento dos objetivos propostos. Por fim, observou-se que o editor pode contribuir com a educação aberta, percebeu-se a importância da produção colaborativa e o fortalecimento da autoria e coautoria devido à ausência de burocracias com o uso da licença aberta.

**Palavras-chave:** Educomunicação. Recurso Educacional Aberto. Produtor Editorial. Educação Aberta.

## **ABSTRACT**

### **POSSIBILITIES FOR PRODUCER EDITORIAL IN EDUCATION: THE CASE OF EDUMIX – EDITORA ABERTA**

AUTHOR: Raquel Scremin  
ADVISER: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosane Rosa

Media literacy goes beyond the use of technology and not just education or communication, but the relationship between both and seeks social transformation. In this context the publisher can take ownership of the media literacy for the creation of educational resources seeking to promote an open education and the emancipation of the subjects involved. This production is an alternative of the professional practice due to demand provided by growth of distance education. So the question that guided this work was: what is the role of the publisher in the production of Open Educational Resources and the possibilities in an educational publishing market? Thus, this study had the defined methodology the case of EduMIX – Editora Aberta, combined with two techniques: a bibliographical research and document analysis for compliance with the proposed objectives. Finally, it was observed that the publisher can contribute to open education, it was noted the importance of collaborative production and the strengthening of authorship and co-authorship in the absence of bureaucracies with the use of the open license.

**Keywords:** Media literacy. Educational Resources. Producer Editorial. Open Education.

## RESUMEN

### POSIBILIDADES PARA EL PRODUCTOR EDITORIAL EN LA EDUCACIÓN: ESTUDIO DE CASO DE EDUMIX – EDITORA ABERTA

AUTORA: Raquel Scremin  
ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosane Rosa

La enseñanza mediática va además del uso de la tecnología y no se resume sólo en la educación o en la comunicación, pero en la relación entre ambos y busca la transformación social. En este contexto, el editor puede tomar posesión de la enseñanza mediática para la creación de recursos educativos que buscan promover una educación abierta y la emancipación de los sujetos implicados. Esta producción es una alternativa a la práctica profesional debido a la demanda prevista por el crecimiento de la educación a distancia. Así, la pregunta que guió este trabajo fue: ¿cuál es el papel del editor en la producción de Recursos de Enseñanza Abiertos y las posibilidades en mercado editorial educativa? De esa forma, este estudio tuvo como metodología definida el estudio de caso de la EduMIX – Editora Aberta, combinado con dos técnicas: una búsqueda bibliográfica y el análisis de documentos para el cumplimiento de los objetivos propuestos. Por último, se observó que el editor puede contribuir con la educación abierta, se señaló la importancia de la producción colaborativa y el fortalecimiento de la autoría y coautoría en ausencia de burocracias con el uso de la licencia abierta.

**Palabras - clave:** Enseñanza Mediática. Recursos de Enseñanza Abiertos.  
Productor Editorial. Educación Abierta.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A cadeia de valor na área editorial.....	30
Figura 2 – Principais funções do editor.....	31
Figura 3 - Faturamento e exemplares vendidos.....	38
Figura 4 – Iniciativas do Grupo A na tecnologia para a educação.....	42
Figura 5 - Ciclo REA e suas possibilidades.....	45
Figura 6 - Infográfico com dados da editora Flat World Knowledge .....	49
Figura 7 - Infográfico com os tipos de licenças do Creative Commons.....	51
Figura 8 - Logo da editora.....	54
Figura 9 – Página do Mapa REA Global.....	55
Figura 10 Lista de itens do Relatório.....	63
Figura 11 - Capa do Manual .....	65
Figura 12 - LOGO do Descola .....	67
Figura 13 - Capa do guia para o professor.....	69
Figura 14 - Captura de tela do player no Youtube.....	72
Figura 15 - Capa da cartilha.....	75
Figura 16 - Identidade do vídeo .....	76
Figura 17 - Capa do Manual do Professor .....	78
Figura 18 - Identidade Visual do Projeto .....	80
Figura 19 - Identidade Visual do Projeto .....	83
Figura 20 - Página inicial do site .....	84

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Revisão de Literatura a partir da pesquisa bibliográfica .....	13
Quadro 2 - As cinco ecologias .....	21
Quadro 3 - Relação da educomunicação com a escola em três âmbitos .....	25
Quadro 4 - Comparativo entre as funções da cadeia produtiva do livro. ....	31
Quadro 5 - Critérios para avaliação dos REAs.....	56
Quadro 6 - Ficha Catalográfica do REA para envio á repositórios externos e EduMIX .....	57
Quadro 7 - Resumo das produções REA da EduMIX - Editora Aberta.....	85



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Aspectos em que a tecnologia agregar valor ao conteúdo. ....	36
Gráfico 2 - Ciclo com os passos para inscrever uma obra no PNLD 2016. ....	41
Gráfico 3 - Como realizar a pesquisa bibliográfica .....	60

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	10
<b>1 O PRODUTOR EDITORIAL DIANTE DA EDUCAÇÃO COLABORATIVA</b> .....	18
1.1 O PARADIGMA EDUCOMUNICAÇÃO .....	18
1.2 O EDITOR NO MERCADO EDITORIAL DIDÁTICO .....	26
<b>2 RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS</b> .....	44
2.1.1 REA E O MERCADO EDITORIAL PARA EDUCAÇÃO .....	47
<b>3 EDUMIX – UMA EXPERIÊNCIA DE EDITORA ABERTA</b> .....	53
3.1 A EDITORA .....	53
3.2 METODOLOGIA .....	58
3.2.1 Em busca do tema .....	58
3.2.2 Pesquisa bibliográfica .....	59
3.2.3 Observações teóricas .....	61
3.2.4 Estudo de caso .....	61
3.2.5 Coleta de evidências .....	61
3.2.6 Eventos complementares no processo .....	62
3.3 DESBRAVANDO AS PRODUÇÕES REA DA EduMIX.....	63
3.3.1 Infomix .....	64
3.3.2 Descola: Guia prático de REA em língua portuguesa .....	66
3.3.3 Cartilha do alcoolismo: do aluno para a família.....	67
3.3.4 A Fantástica História dos Kaigangs .....	68
3.3.5 Produção de livro digital com software livre.....	70
3.3.6 Conte comigo – Os Problemas de Júnior (Maria Rita) .....	71
3.3.7 “Vamos fazer o melhor para o mundo...” – Manual de Reciclagem e leitura .....	72
3.3.8 Contando o conto .....	74
3.3.9 HQTV - O uso das Histórias em Quadrinhos no ensino do desenho .....	75
3.3.10 Crescer com segurança – Desenvolvendo estratégias para prevenção de acidentes com crianças .....	77
3.3.11 “Quase Ministro: audiodrama” .....	79
3.3.12 Processos Editoriais na Escola .....	79
3.3.13 Conte sua história .....	81
3.3.14 Super Mito .....	83
3.4 BREVE ANÁLISE .....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	90
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	93
<b>ANEXO A – BIBLIOGRAFIA DA DISCIPLINA</b> .....	100
COM 100	
<b>ANEXO B – PROGRAMA DA DISCIPLINA</b> .....	101

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com as mudanças propostas pelo avanço tecnológico, vivemos em um período marcado por constantes transformações sociais, culturais e econômicas. A educomunicação vai além do uso das tecnologias e não se resume na educação ou na comunicação e sim na relação entre os dois campos, em uma comunicação educativa. A educomunicação é apresentada neste estudo, devido as crescentes mudanças no mercado editorial didático e a demanda de recursos inovadores para a educação à distância. Faz-se necessário compreender esse campo de atuação para que o produtor editorial tenha subsídios para a criação de materiais didáticos que promovam o diálogo, bem como, o exercício de co/autoria voltado à emancipação dos sujeitos envolvidos.

Diante desse contexto, o editor pode se apropriar da educomunicação para a elaboração dos recursos educacionais abertos. Pois alia a produção colaborativa, o desenvolvimento do sujeito em relação a autoria e coautoria, bem como a relação de diálogo tanto na comunicação quanto na educação. O fato de a educomunicação proporcionar transformações no ambiente escolar, essa transformação dialógica do social proposta por Soares (2006) auxilia o profissional na construção do REA e na adequação do mesmo ao contexto escolar.

A produção de Recursos Educacionais Abertos surge como uma alternativa para a democratização da educação no mercado editorial didático, pois se contrapõe aos recursos convencionais ao estarem disponíveis com licença aberta, a sua produção ser facilitada pela diminuição da burocracia, por estar mais próximo ao contexto local dos envolvidos, bem como, ao possibilitar a reutilização criativa o que não acontece em recursos convencionais como apresentam Gonzalez e Rossini:

A principal característica dos recursos educacionais convencionais está ligada ao fato de que o acesso a estes está limitado a vínculos institucionais formais, como matrícula em cursos, ou atividades específicas vinculadas ao trabalho profissional. Como tais, muitos materiais educacionais enfrentam altos custos de acesso e, no caso de o acesso ser gratuito, por exemplo, no caso dos livros didáticos fornecidos pelo governo às escolas da rede pública no Brasil, ainda assim são bloqueadas sua reutilização criativa, sua cópia e sua adequação a contextos locais. (GONZALEZ E ROSSINI, 2012 p. 38 a 40).

Tendo em vista as recentes transformações no cenário editorial, esta pesquisa pretende conhecer as possibilidades de atuação do produtor editorial na educação colaborativa e na produção dos Recursos Educacionais, tendo como objeto de estudo a EduMIX - Editora Aberta, coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosane Rosa e criada na disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial Aplicado à Educação do curso de Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria, bem como, suas produções registradas em 2014.

A relevância desse estudo para o meio acadêmico se justifica pela importância de investigar uma área até então inexplorada pela Produção Editorial. Do mesmo modo, com este trabalho deseja-se melhor entender essa necessidade de adaptação dos editores diante dos recursos educacionais abertos no mercado. Isso porque os REAs são um novo espaço para atuação profissional, devido à demanda gerada pela Educação a Distância.

Dessa forma, torna-se importante para a editoração conhecer as competências e aptidões profissionais necessárias para viabilizar com sucesso a produção de Recursos Educacionais voltados à educação aberta. E as possibilidades para que as editoras atendam a essas exigências tanto de um mercado competitivo, como das exigências e critérios presentes nos editais do governo.

O Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 destaca em sete de suas 20 metas previstas indícios que os REA podem ser utilizados para a produção de material didático, seguem:

- Possibilitar um maior número de atividades extracurriculares com o uso das TIC;
- Servir como mecanismo para contribuir na redução das taxas de evasão do sistema de ensino, permitindo o uso de REA em programas de estudo com tutoria ou por meio da autoaprendizagem;
- Criar oportunidades de desenvolvimento profissional para professores por meio de atividades relacionadas ao desenvolvimento e reuso de REA;
- Fomentar a produção colaborativa de livros didáticos para uso público;
- Estimular a produção colaborativa de materiais pedagógicos e de treinamento;
- Promover o aumento da participação na educação de nível superior.

O PNE 2014-2024 enfatiza a produção colaborativa, trabalho compartilhado para o desenvolvimento de recursos pedagógicos a fim de permitir o compartilhamento de boas práticas e experimentação com novas abordagens pedagógicas a serem utilizadas em AVEA.

A escolha pela EduMIX, vem ao encontro dos avanços tecnológicos e da demanda de recursos inovadores que o mercado editorial didático apresenta. Além da democratização da educação proporcionada pelas iniciativas da editora e a necessidade de formação de equipes multidisciplinares. Essa produção colaborativa torna-se um espaço para desenvolvimento das individualidades. Pelo fato também, da editora ser reconhecida como iniciativa pioneira no Brasil e no mundo e que já se encontra inserida no mapa global dos REA.

Além disso, essa pesquisa torna-se pertinente por auxiliar no desenvolvimento profissional e crítico da presente pesquisadora, que se interessa em aprofundar seus conhecimentos sobre esse processo iniciado na disciplina aqui estudada, bem como, por ter experiência na área desde o início do curso e querer compreender a teoria.

Dessa forma, surgiu uma indagação que norteou esta pesquisa: qual é o papel do editor na produção de Recursos Educacionais Abertos e as possibilidades no mercado editorial didático?

Para dar conta dessa problemática objetivou-se: investigar a relação epistemológica e prática entre o papel do produtor editorial na educação colaborativa e na produção de Recursos Educacionais Abertos. Além disso, buscamos também: (i) revisar os conceitos dos principais autores que estudam as temáticas já citadas; (ii) conhecer e descrever a experiência da EduMIX - Editora Aberta do curso de Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); e, por fim, (iii) identificar desafios e oportunidades no mercado editorial voltado para a educação aberta.

Para tanto, serão utilizadas diversas fontes como artigos científicos, livros, teses e trabalhos de conclusão de curso. O aporte teórico utilizado para suprir as necessidades investigativas desta pesquisa está distribuído no Quadro 1.

Quadro 1 - Revisão de Literatura a partir da pesquisa bibliográfica

(continua)

<b>Termos</b>	<b>Conceitos</b>	<b>Autor (a)</b>	<b>Fonte</b>
Educomunicação	um campo de pesquisa, de reflexão e de intervenção social, cujos objetivos, conteúdos e metodologia são essencialmente diferentes tanto da educação escolar quanto da comunicação social por (2006, p1). o mundo que se revela no encontro dos dois campos tradicionais (2014, p. 17).	SOARES, Ismar	Livro
	todo proceso educativo es un proceso de comunicación (1976, p. 9)	KAPLÚN, Mário	
	a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados (1979, p. 69)	FREIRE, Paulo	
	Educomunicação inclui, sem reduzir-se, o conhecimento das múltiplas linguagens e meios através dos quais se realiza a comunicação pessoal, grupal e social. Abrange também a formação do senso crítico, inteligente, diante dos processos comunicativos e de suas mensagens, para descobrir os valores culturais próprios e a verdade. (2014, p.29)	APARICI, Roberto	

Quadro 1 - Revisão de Literatura a partir da pesquisa bibliográfica

(continuação)

	O conhecimento emancipatório não pode ser simplesmente o saber científico moderno que temos: este é importante, necessário, mas tem de estar incluído em uma ecologia de saberes mais ampla. (2007, p. 53)	SANTOS, Boaventura Sousa	
	O mundo que nos é trazido, que conhecemos e a partir do qual refletimos é um mundo que nos chega EDITADO, ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de filtros até que "apareça" no rádio, na televisão, no jornal. Ou na fala do vizinho e nas conversas dos alunos. (1994, p.7)	BACCEGA, Maria Aparecida	
Editor e mercado do livro didático	O aperfeiçoamento do computador pessoal no escritório do autor, e do editor, além de tantas outras aplicações de tecnologia eletrônica na área gráfica dos anos de 1990, já revolucionou tudo, dando um salto de qualidade e provocando o aumento de produtividade e queda dos preços.	HALEWELL, Laurence	Livro
	os papéis do autor, do editor, do tipógrafo, do distribuidor, do livreiro, estavam claramente separados. (1999 p.16-17).	CHARTIER, Roger	
	O [...] editor possui o sentido de pessoa encarregada de organizar, i.e, selecionar, normalizar, revisar e supervisionar, para publicação, os originais de uma obra. (2008, p. 37)	ARAÚJO, Emanuel	
	É perfeitamente possível que nos deparemos com um novo tipo de literacia, que já não se caracteriza pela competência de ler e escrever, mas pela facilidade de acesso e a capacidade de manipulação das mídias digitais pelas quais a escrita é agora também transmitida. (2006, p. 159).	FURTADO, José Afonso	
	a utilização e combinação de diferentes meios e tecnologias de informação e comunicação (TIC) para o desenvolvimento de processos educacionais permite, [...] atender as necessidades especiais e desenvolver produtos customizados para as diversas demandas". (2009, p. 10).	Bandeira, Denise	
	a cadeia produtiva do livro é tanto uma cadeia de suprimento, pois fornece o livro "via distribuidoras e livrarias para o usuário final que o adquire", como uma cadeia de valor, por agregar "valores" ao processo de produção do livro.  Copyright – As questões tornam-se ainda mais complexas pelo problema dos direitos embutidos – isto é, o copyright sobre o material que foi inserido no texto, como, por exemplo, citações ou ilustrações. (2013, 366)	THOMPSON, John B.	
	Sobre os direitos autorais que correspondem a 10% do valor de capa de um livro. (2005, p.24).	EARP, Fábio Sá; KORNIS, George	

Quadro 1 - Revisão de Literatura a partir da pesquisa bibliográfica

(conclusão)

	É nesse lugar de decisão e de comando, e de criação, que está o coração do trabalho de editor. É também esse lugar que exige dele saberes específicos (“escolher, fabricar, distribuir”), que o diferenciam dos demais agentes envolvidos no processo editorial, e lhe impõe responsabilidades únicas, profissionais, sociais, econômicas, financeiras, administrativas e mesmo (juntamente com os autores) judiciais. (2005, p. 224)	BRAGANÇA, Aníbal	Artigo em Revista Científica
	Aspectos da materialidade dos livros didáticos interferem diretamente na sua prática pedagógica, atuando como um constrangimento que obriga o professor a reelaborar o desenvolvimento de sua prática em função do material recebido e, por vezes, alterando os saberes pedagógicos que circularão na sala de aula. (2004, p. 16)	de Figueiredo, CASSIANO, Célia Cristina	
	Para exercer essa distinção entre o que deve ou não ser lido, o editor se vale de inúmeros critérios. [...] Esses critérios podem ser organizados sob a forma de protocolos para análise de originais ou por ferramentas de marketing e planejamento como o SWOT. [...] Esses instrumentos servem não apenas para selecionar originais [...], como para definir detalhes relativos à produção e comercialização dos que conseguem “seu lugar ao sol. (2007, p. 5).	MUNIZ JR., José	Artigo publicado em evento
Recursos Educaçãois Abertos	Fotos, vídeos, poesias, histórias ou outros elementos de qualidade criados por alunos podem ter outro destino que não a lixeira ou a prateleira ao final de um curso. (2012, p.27).	AMIEL, Tel	Capítulo de livro
	a filosofia dos recursos educacionais abertos coloca os materiais educacionais na posição de bens comuns e públicos, voltados para o benefício de todos, especialmente daqueles que hoje ainda recebem pouco ou nenhum apoio do sistema educacional, como adultos e pessoas portadoras de deficiência. [...] Outra característica dos REA é que, [...] eles fortalecem o sujeito que produz o conteúdo, colocando o autor no centro das atenções, já que a escolha de quando e como compartilhar as obras que cria é uma decisão que dispensa a mediação das editoras. Abre-se, assim, um mundo de oportunidades, de satisfação pessoal e de negócios, como a autopublicação, aproximando o autor do público. (2012 p. 38 a 40).	GONZALEZ, Cristina; ROSSINI, Carolina.	
	os recursos educacionais abertos como uma possibilidade de emancipação “de cada indivíduo, nação ou cultura” e como representantes das transformações que a sociedade exige para a educação. Essa possibilidade de emancipação se dá também pela oportunidade do exercício de autoria e coautoria. (2012, p.106)	PRETTO, Nelson De Luca	
	Com o uso da licença aberta os REAs representam um enorme potencial de compartilhamento de conhecimento entre autores e usuários, de uma forma global, sem a preocupação em infringir direitos autorais. (2012, p.83)	dos SANTOS, Andreia Inamorato	

Fonte: Autora (2015), elaboração própria.



Por conseguinte, a metodologia definida para esta pesquisa é um estudo de caso, combinado com duas técnicas que ajudaram a construir o percurso metodológico. Primeiramente a pesquisa bibliográfica, a fim de revisar a literatura sobre o tema escolhido. A segunda técnica foi à análise documental, a partir da ementa da disciplina onde a editora foi criada, o site<sup>1</sup> do Programa Educom UFSM e os relatórios produzidos por cada equipe durante a disciplina. Para se ter uma visão panorâmica do objeto, foi desenvolvida a descrição das produções, bem como, uma breve análise para entender as possibilidades de aprendizagem dos acadêmicos e as mudanças na realidade editorial. Assim, nosso trabalho estrutura-se em três capítulos, sendo os dois primeiros teóricos e o terceiro metodológico e analítico.

O primeiro capítulo intitulado “O produtor editorial diante da educação colaborativa” traz reflexões gerais sobre o paradigma da educomunicação, ressaltando conceitos sobre educação e comunicação a partir do diálogo (FREIRE, 1979), um campo de intervenção social proposto por Soares (2006), bem como, a construção da emancipação do sujeito a partir de Sousa Santos (2007). Um campo com conceitos que norteiam as ações do editor na produção dos REAs. Além disso, também buscou-se aprofundar os conhecimentos a respeito do ofício de editor no mercado editorial didático abordando sobre as etapas de produção na cadeia produtiva do livro por meio dos conceitos elaborados por Thompson (2013), bem como, sobre o mercado do livro didático.

O segundo capítulo “Recursos Educacionais Abertos” tem por objetivo apresentar um panorama sobre os Recursos Educacionais Abertos, definição, como são utilizados e a importância da produção dos mesmos. Além disso, são apresentadas possibilidades desses recursos inseridos no mercado editorial para educação. Esse processo foi feito com base nos autores já citados no (Quadro 1).

O terceiro capítulo “EduMIX – Uma experiência de Editora Aberta” apresenta um breve histórico sobre a Editora Aberta EduMIX, a descrição das produções registradas pela editora e uma breve análise. Neste capítulo, também apresentamos a metodologia definida para este estudo, buscando alinhar as teorias trazidas pelos autores trabalhados nos dois primeiros capítulos.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.ufsm.br/educum>> Acesso em: 22 de Nov de 2015.

Por fim, apresentamos as considerações finais que obtivemos através desse estudo, além das referências bibliográficas utilizadas para compor essa monografia.

## 1 O PRODUTOR EDITORIAL DIANTE DA EDUCAÇÃO COLABORATIVA

Faz-se necessário compreender o campo da educomunicação para que o produtor editorial tenha subsídios para a criação de materiais didáticos que promovam o diálogo, bem como, a emancipação dos sujeitos envolvidos. Entender o público envolvido, ou até mesmo, produzir o recurso juntamente com a comunidade escolar traz um diferencial para o material didático.

Diante disso, neste capítulo buscamos investigar o ofício do editor diante das características das etapas da atual cadeia produtiva do livro e o mercado editorial didático, uma vez que servem como base teórica para a análise desta pesquisa.

### 1.1 O PARADIGMA EDUCOMUNICAÇÃO

O termo educomunicação surge nos anos 70 a partir do comunicador popular Mário Kaplún que afirmava que “todo proceso educativo es un proceso de comunicación” (1976, p. 9) e Paulo Freire pensando a educação de forma dialógica defendia “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (1979, p. 69).

O conceito foi sendo ampliado e ganhando novos sentidos pelo NCE\USP sendo legitimado atualmente como “um campo de pesquisa, de reflexão e de intervenção social, cujos objetivos, conteúdos e metodologia são essencialmente diferentes tanto da educação escolar quanto da comunicação social” por (SOARES, 2006, p1). Segundo o autor, a educomunicação é um conceito autônomo que considera as experiências de vida, promove os educandos como produtores de conhecimento, “o mundo que se revela no encontro dos dois campos tradicionais” (SOARES, 2014, p. 17).

Assim, a educomunicação vai além do uso das tecnologias e não se resume em educação ou comunicação, ela inter-relaciona os dois campos em uma comunicação educativa e uma educação comunicativa. Para tanto, utiliza-se dos

processos comunicacionais e múltiplas linguagens, bem como, das filosofias da educação na transformação do ser social em um ser comunicante, crítico, participativo e político:

Educomunicação inclui, sem reduzir-se, o conhecimento das múltiplas linguagens e meios através dos quais se realiza a comunicação pessoal, grupal e social. Abrange também a formação do senso crítico, inteligente, diante dos processos comunicativos e de suas mensagens, para descobrir os valores culturais próprios e a verdade. (CENECA. UNICEF. UNESCO, 1992 apud APARICI, 2014, p. 29)

A introdução da educomunicação busca desencadear a formação de ecossistemas comunicativos no ambiente de aprendizagem que segundo Soares (2014, p. 17) são “abertos e participativos, garantidos por uma gestão democrática dos processos de comunicação nos diferentes ambientes de relacionamento humano”. Um ambiente dialógico que fomenta o debate, bem como, a produção colaborativa e a possibilidade do exercício da co\utoria. Sob este aspecto a educomunicação volta-se para a valorização do processo e não apenas do produto comunicacional o que estimula o empoderamento dos participantes, pois segundo Soares (2014, p. 156), assim “garantem-se o acesso, a participação [...]; valoriza-se o saber local, comunitário, e a representatividade de todos os membros do grupo”.

Sobre essa possibilidade de uma aprendizagem mais participativa e dialógica Tapscott (1999, p.141) salienta que:

É importante perceber que a mudança da educação centralizada no professor para aquela baseada no aluno não sugere que o papel do professor esteja sendo relegado a segundo plano. O professor é igualmente importante e valorizado [...]e é essencial para criar e estruturar a experiência do aprendizado. [...] O aprendizado seria mais ativo, com os alunos debatendo, pesquisando e colaborando em projetos.

Nesse sentido, temos que admitir que o material didático disponibilizado pode potencializar ou obstruir esse processo que deve ser aberto, crítico e dialógico. Freire e Shor defendem:

[...] o diálogo deve ser entendida como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos. [...] Isto é, o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos (FREIRE; SHOR, 1986, p. 64).

Para que isso ocorra, além de um material didático adequado e qualificado é importante que o professor receba uma formação que de conta do desenvolvimento de competências comunicativas. Com essa aproximação do cotidiano midiático dos alunos o processo educativo se torna mais atrativo. Essa “Geração Net” denominada por Tapscott em 1999 “querem ser usuários – não apenas espectadores ou ouvintes.” (TAPSCOTT, 1999, p.3) já na perspectiva de Amarante (2012, p. 96) os jovens desejam ser protagonistas, ou seja “enquanto pessoas em formação, os jovens poderão agir como atores sociais dentro de um processo transformador.”.

Mediante esse processo que envolve sujeitos interlocutores e não mais produtor-receptor a apropriação da comunicação contribui

Em seu contato diário com o aluno, o professor pode incorporar o trabalho de comunicação aos processos educativos, em função dos temas abordados na escola, bem como da idade, classe social e especificidades culturais, econômicas e políticas da comunidade onde ela se insere. E para que obtenha uma resposta participativa, adaptar os conteúdos, métodos, ferramentas, formas de expressão etc., à reflexão sobre os valores fundamentais de cidadania. (AMARANTE, 2012, p.162).

A autora aponta inclusive que uma das formas de se aproximar desse jovem emissor é justamente através da compreensão de seu universo cultural, revelado pela linguagem que utiliza em suas mensagens e através da qual transmite suas opiniões e idealizações. Trata-se da importância e necessidade de criar espaços e possibilidades para o estudante sentir-se pertencente e participante do próprio processo de aprendizagem, como destaca Amarante (2012, p. 155):

Ao realizar um trabalho criativo no ambiente escolar, este aluno estaria sendo valorizado e reconhecido pelo grupo ao qual pertence, a partir de suas potencialidades, obtendo como retorno uma “reconstituição” pessoal necessária ao reforço de seus próprios vínculos sociais.

Percebe-se o potencial emancipatório da apropriação da comunicação, não apenas de forma instrumental, mas principalmente cultural que interfira nas formas de produção e interação do conhecimento.

Essa perspectiva educomunicativa, dialógica, criativa e colaborativa capaz de deflagrar a formação de ecossistemas comunicativos conectando diferentes saberes e sujeitos dialoga com a ideia de Sousa Santos (2007) que propõe pensarmos a formação de uma “ecologia de saberes” uma vez que um conhecimento que se pretende emancipatório não se constrói unicamente pelo saber científico mas tem que dialogar com a diversidade de saberes presentes na sociedade. Dessa forma a monocultura científica daria lugar a uma ecologia de saberes possibilitando a insurgência de saberes ausentes e evitando o desperdício de uma diversidade de experiências ausentes. O autor explicita essa pluralidade por meio de cinco ecologias, apresentadas no Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 - As cinco ecologias

Ecologia dos saberes	O saber científico possa dialogar com o saber laico, com o saber popular.
Ecologia das temporalidades	Embora haja um tempo linear, também existem outros tempos. Cada forma de sociabilidade tenha sua própria temporalidade.
Ecologia do reconhecimento	Descolonizar nossas mentes, devemos aceitar as diferenças que restem depois que as hierarquias forem descartadas.
Ecologia da Transescala	Possibilidade de articular nos projetos as escalas locais, nacionais e globais. Ser capazes de trabalhar entre as escalas.
Ecologia das produtividades	Recuperação e valorização dos sistemas alternativos de produção, das organizações econômicas populares, das empresas augestionadas, etc., que a ortodoxia produtivista capitalista ocultou ou desacreditou.

Fonte: Autora (2015) a partir da definição de Sousa Santos (2007, p. 32-36)

Nessa perspectiva o autor se refere a necessidade de “construir a emancipação a partir de uma nova relação entre o respeito da igualdade e o princípio do reconhecimento da diferença” (2007, p.62). Nesse contexto, a educomunicação pode contribuir uma vez que caracteriza-se por uma gestão participativa, consciência crítica e política, desenvolvimento das individualidades e de espaços democráticos. Segundo Kaplún esses saberes e competências são fundamentais para o corpo social democrático:

[...] tiene que ser así, participativo, no sólo por unarazón de coherencia con la nueva sociedad democrática que busca construir, sino también por una razón de eficacia: porque sólo participando, involucrándose, investigando, haciéndose preguntas y buscando respuestas, problematizando y problematizándose, se llega realmente al conocimiento. (KAPLÚN, 1998, p. 52).

Ao tentar responder a essas necessidades tanto Soares (2014) quanto Kaplún (2014) partem do princípio que a escola pode proporcionar esses espaços de construção do conhecimento onde os alunos possam utilizar-se de suas experiências para compor o conhecimento, mediante a uma produção colaborativa que incentive a autonomia. Kaplún (2014, p.67) alerta que “uma educação [...] capaz de responder aos desafios formativos contemporâneos deverá ativar potencialidades de autoaprendizagem e coaprendizagem [...] estimular a gestão autônoma dos educandos em seu aprender a aprender”. Subjacente a idéia de Kaplún, Soares (2014, p.22) complementa “quanto à produção comunicativa, no caso da educomunicação o que mais importa é aquela que a própria criança e adolescente produzem colaborativamente”.

A partir desses conceitos de autoaprendizagem e coaprendizagem, aprender a aprender, autonomia e produção colaborativa, o sujeito é envolvido no processo como coautor e incentivado a colocar suas ideias em pauta e debater o que leva ao rompimento do silêncio que na visão de Santos (2007, p. 55) representa um dos mais fortes desafios: “como fazer o silêncio falar de uma maneira que produza autonomia e não a reprodução do silenciamento”. E neste sentido Kaplún (2014, p.69) argumenta que “o participante, ao romper, essa cultura dilatada do silêncio que lhe foi imposta, passa a “dizer sua palavra” e a construir sua própria mensagem, seja ela em um texto escrito, uma canção, [...], um vídeo etc.”.

Em seu texto intitulado “Uma pedagogia da comunicação” Kaplún resume duas premissas para a construção de uma comunicação educativa:

(I) A apropriação do conhecimento pelos alunos se catalisa quando eles são instituídos e potencializados como emissores. Seu processo de aprendizagem é favorecido e incrementado pela realização de produtos comunicáveis e efetivamente comunicados. (II) Se educar for envolver em um processo de múltiplas interações um sistema será mais educativo quanto maior for a trama de fluxos comunicacionais que souber abrir e pôr a disposição dos educandos. (2014, p.78).

A oferta desses “produtos comunicáveis” está cada vez mais presente na formação dos educandos, bem como na comunidade escolar, seja na presença online como nas mídias tradicionais. O contato com a informação está cada vez mais rápido e fragmentado, influenciando as vivências e a formação do conhecimento e para dar conta dessa demanda Sartori et al. (2014, p. 70) alertam sobre a importância da comunidade escolar estabelecer um diálogo entre os seus conteúdos e as vivências de seus alunos fora dos muros da escola, caso contrário, “a ampliação dos “índices comunicativos” entre professores e alunos tem grandes chances de não ocorrer ou ocorrer de modo superficial e sem grandes significados para ambos”.

Já Sousa Santos (2007, p. 57) evidencia que “todo saber é local”, não podemos nos distanciar da natureza do nosso saber por que ele é contextualizado pela nossa cultura. O autor ressalta que “é preciso conversar muito mais, dialogar muito mais, buscar outra metodologia de saber, ensinar e aprender”.

Diante desse contexto Baccega nos lembra que temos acesso a um “mundo editado”, que oferta uma gama de informações que contribuem para formação do conhecimento e que chega até nós por meio de “filtros”:

O mundo que nos é trazido, que conhecemos e a partir do qual refletimos é um mundo que nos chega EDITADO, ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de filtros até que "apareça" no rádio, na televisão, no jornal. Ou na fala do vizinho e nas conversas dos alunos. (1994, p.7)



Ainda conforme a autora (p.8), os meios de comunicação “são a fonte primeira que educa” e entender como se dá o seu processo faz com que seja possível trabalhar os meios em atividades educacionais, nas suas palavras:

[...] torna-se fundamental conhecer como funcionam os meios, para que tenhamos condições de conhecer melhor o mundo, buscando desvendar os mecanismos usados na sua edição. Só desse modo poderemos trabalhar adequadamente esses meios em nossas atividades educacionais.

A partir da definição acima, entendemos a apropriação dos conhecimentos gerados a partir da mediação educacional como fator fundamental para que os educandos e educadores possam criar e modificar a sua realidade. Até porque, é necessário compreender que o material didático, a exemplo dos meios, também são editados e a educação impulsiona que cada professor e aluno possam fazer suas reedições.

Para Orozco (2002, p.68) a escola precisa ser “capaz de orientar os diversos aprendizados dos seus estudantes”. Segundo o autor ela tem que compreender que esses aprendizados acontecem dentro e fora de seus muros.

Aprendizados que têm lugar dentro e fora dela, sobretudo e cada vez em maior proporção, estimulados pelos novos meios e tecnologias de informação existentes, tanto dentro dos sistemas educativos, quanto por aqueles que estão fora e são os meios e tecnologias com os quais cotidianamente interagem os sujeitos sociais.

Segundo Losso e Sartori (2014, p.103) “será preciso rever posições da comunidade escolar sobre as relações de comunicação no ambiente educativo bem como incluir diferentes mídias no planejamento das aulas”. A partir da apropriação da pedagogia da comunicação é possível provocar essas mudanças na comunidade, até porque o potencial da mediação tecnológica no contexto escolar provoca um novo olhar para a prática de sala de aula. A aula é planejada pelo professor, mas o aluno encontra espaço para rompimento do silêncio e a participação. É um processo mais aberto e democrático que envolve exercício de coautoria. Para que isso ocorra Soares alerta que sobre o uso das tecnologias “o que importa não é a ferramenta

disponibilizada, mas o tipo de mediação que elas podem favorecer para ampliar os diálogos sociais e educativos”. (2011, p. 18).

Essa perspectiva abre também a possibilidade de participação de outros atores da comunidade, como por exemplo, parceria com as universidades, onde a troca de conhecimentos entre os acadêmicos e a comunidade escolar gera novas experiências o que proporciona um ecossistema comunicativo expandido nos seus tempos, espaços e sujeitos.

Na concepção de Soares (2011), a relação da educomunicação com a escola deve ser pensada em três âmbitos distintos, a saber: gestão escolar, disciplinar e transdisciplinar conforme o Quadro 3:

Quadro 3 - Relação da educomunicação com a escola em três âmbitos

<b>Gestão Escolar</b>	<b>Disciplinar</b>	<b>Transdisciplinar</b>
Identificar e, se necessário, rever as práticas comunicativas que caracterizam e norteiam as relações entre a direção, os professores e os alunos no ambiente educativo.	Transformar a comunicação enquanto linguagem, processo e produto cultural em conteúdo disciplinar, isto é, em objetivo específico do currículo no âmbito da área denominada “Linguagens, códigos e suas Tecnologias”.	Propor que os educandos se apoderem das linguagens midiáticas, ao fazer uso coletivo e solidário dos recursos da comunicação tanto para aprofundar seus conhecimentos quanto para transformar as condições de vida a sua volta, mediante projetos educacionais legitimados por criatividade e coerência epistemológica. Também estão inclusas atividades extraclasse realizadas no “contraturno” escolar.

Fonte: Soares (2011, p. 19). (adaptado)

Seguindo essa perspectiva, o autor (2011, p. 45) aborda que a educomunicação, enquanto eixo transversal ao currículo proporciona um conhecimento conectado a valores para a vida:

a perspectiva da educação para a vida, do sabor da convivência, da construção da democracia, da valorização dos sujeitos, da criatividade, da capacidade de identificar para que serve o conjunto dos conhecimentos compartilhados através da grade curricular.

Para construção de um conhecimento para a vida, Orozco (2002 p. 69) também salienta a importância dessa relação de complementaridade entre a comunicação e a educação e a dinâmica dali decorrente que afeta a ambos os campos bem como a sociedade. Nas suas palavras:

a educação cada vez mais estará vinculada aos meios e tecnologias de informação e que, tarde ou cedo, isto vai modificar de maneira substancial os processos educativos e comunicativos. O cenário do futuro não é estático, muito pelo contrário. Por isso é importante antecipar o papel que tanto educadores quanto comunicadores devemos tomar nele, para que o sentido e a direção das inevitáveis transformações sejam as mais relevantes para nossas sociedades.

A educomunicação apresenta-se, assim, como uma possibilidade de dar conta dessas transformações sem comprometer a emancipação dos sujeitos em processo de desenvolvimento e inseridos em um cotidiano midiático, isso porque proporciona o empoderamento comunicativo dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. Na opinião de Kaplún (2011, p. 185) “[...] o que definirá em boa medida a concepção de Comunicação Educativa pela qual se opte nos próximos anos, será o valor que esta atribua à formação da competência comunicativa dos educandos”.

A partir desse cenário de uma educação comunicativa e de uma comunicação educativa, no subcapítulo a seguir será apresentado o papel do editor, sua atuação no mercado e como se configura o mercado de livros didáticos.

## 1.2 O EDITOR NO MERCADO EDITORIAL DIDÁTICO

Para entendermos o cenário em que o nosso objeto de estudo está inserido, iniciaremos este capítulo delineando o papel do editor em dois momentos, a saber: o papel no mercado e na cadeia de produção do livro e em seguida fechar com o editor no ciclo de produção do livro didático. Ambos perpassados pelas mudanças a partir do fomento e inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação TICs.

Até meados do séc. XIX era comum encontrar o editor como única pessoa responsável pela edição e publicação de um livro, inclusive, sendo ele também o autor do texto. Após esse período, “os papéis do autor, do editor, do tipógrafo, do distribuidor, do livreiro, estavam claramente separados.” (CHARTIER, 1999, p.16-17).

A partir do século XX esses papéis foram cada vez mais definidos, como explica Araújo:

No Brasil já se tornou corrente, por exemplo, designar profissionais de certos setores da editoração como “editor de arte” (responsável pela programação visual de uma publicação), “editor de texto” (encarregado do preparo e revisão literária dos originais) e assim por diante. (2008, p. 50).

Conforme o autor (2008, p.23) “[...] a regra básica da editoração é a de quebrar qualquer regra que prejudique a fluência da leitura”. E no que se refere ao papel do editor defende que “possui o sentido de pessoa encarregada de organizar, i.e, selecionar, normalizar, revisar e supervisionar, para publicação, os originais de uma obra”. (p. 37).

O ofício do editor está fortemente ligado a autoria na organização do conteúdo (textos), bem como, no exercício da leitura. Conforme Chartier (2009, p. 138), a diferença no exercício da leitura, em meio a concorrência de suportes, pode ocorrer por uma decisão do editor ao visar diferentes públicos e diversas leituras.

Já, para Bragança (2005), é o editor quem define o que será publicado, o público a quem o trabalho se destinará e de que forma o produto será feito. Nas palavras do autor:

É nesse lugar de decisão e de comando, e de criação, que está o coração do trabalho de editor. É também esse lugar que exige dele saberes específicos (“escolher, fabricar, distribuir”), que o diferenciam dos demais agentes envolvidos no processo editorial, e lhe impõe responsabilidades únicas, profissionais, sociais, econômicas, financeiras, administrativas e mesmo (juntamente com os autores) judiciais. (p. 224)

Nesse papel de gestor que cabe ao editor Chartier (1999, p.28) explica o dilema enfrentado: de um lado, há a necessidade de tornar público um trabalho, para além da circunstância particular em que fora transmitido; de outro, a forte consciência de uma perda irremediável: a palavra.

Com a internet essa necessidade de tornar público um trabalho pode ser observada no comportamento da sociedade em relação ao compartilhamento. Para Epstein (2002, p. 13), “as tecnologias modificam o mundo, mas a natureza humana permanece a mesma”. Já Furtado (2006, p. 30), ressalta que “o que acontece é que, neste momento, todos estes desenvolvimentos coexistem”, portanto, essas mudanças não podem se reduzir as TICs, mas ao uso que se faz delas. Segundo o autor, até recentemente o *design* dos dispositivos portáteis que envolvem as TICs estavam nas mãos dos produtores, mas cada vez mais o editor precisará procurar a resposta do consumidor para produzir novas formas de publicações.

Hallewell (2012) lembra que essa manipulação midiática e tecnológica já influenciava a escrita desde a década de 90 com o aperfeiçoamento do computador e a aplicação de outros dispositivos e começava a modificar o processo de produção, bem como, a queda dos custos:

O aperfeiçoamento do computador pessoal no escritório do autor, e do editor, além de tantas outras aplicações de tecnologia eletrônica na área gráfica dos anos de 1990, já revolucionou tudo, dando um salto de qualidade e provocando o aumento de produtividade e queda dos preços. Tornou-se possível entregar o texto do livro em arquivo digital, mesmo pela internet, para ser inserido diretamente num equipamento acoplado a impressora (p. 611).

Outra preocupação do editor e do escritor é a produção do conteúdo, conforme Furtado (2006, p.133) “o modo como um escritor e um editor apresentam fisicamente a informação, apoiando-se em recursos exteriores à própria informação, faz chegar ao leitor muito mais que apenas a informação” , ou seja a forma, a estética, as possibilidades de interação. O autor explica esse cenário:

É perfeitamente possível que nos deparemos com um novo tipo de literacia, que já não se caracteriza pela competência de ler e escrever, mas pela facilidade de acesso e a capacidade de manipulação das mídias digitais

pelas quais a escrita é agora também transmitida. (FURTADO, 2006, p. 159).

O negócio da edição de livros, segundo Epstein (2002, p. 19), “é por natureza pequeno, descentralizado [...]; mais bem desempenhado por pequenos grupos”. A opinião de Epstein dialoga com o fenômeno do surgimento das editoras independentes, com o foco em nichos específicos. Thompson (2013) complementa ao abordar sobre a concorrência entre editoras pequenas e os grandes conglomerados:

Isso não significa que editoras menos favorecidas terão necessariamente mais dificuldade para sobreviver - pelo contrário, o campo editorial é um território muito complexo e há muitas maneiras de **pequenas empresas** conseguirem concorrer competente, superando outras maiores ou **encontrando nichos especializados** nos quais pode prosperar. (p. 15, grifo nosso).

Segundo o autor, as grandes editoras podem até exercer um poder, mas ao apresentar a cadeia produtiva do livro, ele nos mostra os diferentes elos que se encontram no processo e que a editora é apenas “um jogador de meio de campo”:

Pode parecer que as grandes editoras são os principais *players* e que elas têm muito poder (e, de fato, têm); mas na cadeia de suprimento de livros, a editora é, de muitas maneiras, apenas mais um intermediário, um jogador de meio de campo. E o poder da editora, por maior que seja, é sempre cercado – e equilibrado – pelo poder dos varejistas, que controlam em grande parte o acesso aos clientes, isto é, os leitores; e de outro lado, o poder dos agentes, que controlam em grande parte o acesso ao conteúdo e aos criadores de conteúdo, isto é, os autores. (THOMPSON, 2013, p. 113-114 grifo do autor).

Porém, como nessa pesquisa o foco é as possibilidades de atuação do produtor editorial voltados ao mercado de material didático, apresentamos a cadeia produtiva do livro proposta por Thompson (2013, p. 21) para ressaltar as várias funções que envolvem o mercado, seja qual for o segmento e onde a atuação do produtor editorial é possível (Figura 1). Segundo o autor a cadeia produtiva do livro é tanto uma *cadeia de suprimento*, pois fornece o livro “via distribuidoras e livrarias

para o usuário final que o adquire”, como uma *cadeia de valor*, por agregar “valores” ao processo de produção do livro.

Figura 1 - A cadeia de valor na área editorial.



Fonte: Thompson (2013, p. 22)

Dessa forma, a primeira etapa da cadeia produtiva do livro representa a criação de conteúdo, que pode ser realizada por um ou mais autores, uma vez que depende da categoria na qual se enquadra a publicação.

Saindo das grandes editoras Chartier (2009, p.61) chama atenção para uma prática que se torna atual por meio do financiamento coletivo<sup>2</sup>, mas que segundo o autor já ocorre há muito tempo com o patrocínio para a publicação, “a garantia da existência do material do autor dependia [...] de gratificações [...] que lhe eram dadas pelo soberano, mas também pelos ministros, pelas elites”. O financiamento coletivo é uma forma de o autor produzir colaborativamente, exercer a autoria e conseguir publicar com o auxílio de pessoas interessadas em seu projeto.

Após a criação de conteúdo, inicia a relação entre três agentes importantes na cadeia de produtiva do livro: o autor, o agente literário e o editor – que também

<sup>2</sup> Um exemplo de plataforma de financiamento coletivo no Brasil é o Catarse. Disponível em: <https://www.catarse.me/>. Acesso em: 15 de Nov. de 2015.

pode assumir a denominação de “Publisher”. Para entender o papel do editor faz-se necessário compararmos os papéis do autor, agente literário e do editor, conforme o Quadro 4.

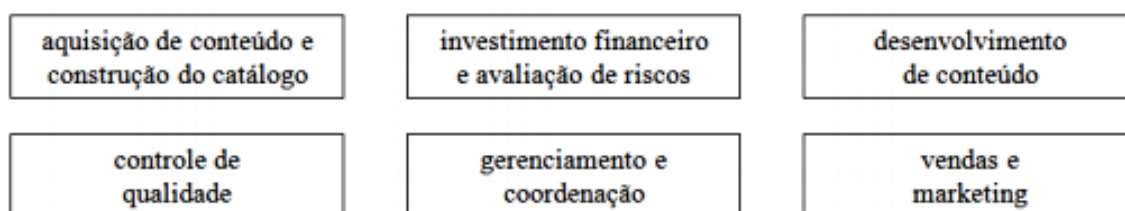
Quadro 4 - Comparativo entre as funções da cadeia produtiva do livro.

<b>ETAPAS OU AGENTES/INSTITUIÇÕES</b>	<b>FUNÇÕES OU CARACTERÍSTICAS SEGUNDO THOMPSON (2013)</b>
<b>AUTOR</b>	Responsável por elaborar o conteúdo intelectual da obra.
<b>AGENTE LITERÁRIO</b>	Tem como função representar os interesses do autor, além de auxiliar no desenvolvimento do conteúdo.
<b>EDITOR</b>	Aquisição do conteúdo e construção do catálogo; investimento financeiro e avaliação de riscos e desenvolvimento de conteúdo.

Fonte: (THOMPSON, 2013) adaptado.

Como o editor representa a editora, Thompson (2013, p.25), destaca que esse profissional possui seis principais funções, que exercem uma contribuição especial ao processo, conforme especificadas na Figura 2 a seguir.

Figura 2 – Principais funções do editor.



Fonte: Thompson (2013, p. 25).



A primeira função está relacionada a aquisição de conteúdo e construção de um catálogo, criar ou idealizar um projeto, ou em perceber o potencial de algo e ajudar o autor a publicar. Conforme Muniz Jr. (2007, p. 5):

Para exercer essa distinção entre o que deve ou não ser lido, o editor se vale de inúmeros critérios. [...] Esses critérios podem ser organizados sob a forma de protocolos para análise de originais ou por ferramentas de marketing e planejamento como o SWOT<sup>3</sup>. [...] Esses instrumentos servem não apenas para selecionar originais [...], como para definir detalhes relativos à produção e comercialização dos que conseguirem “seu lugar ao sol”. (MUNIZ JR., 2007, p. 5).

Na segunda função, Thompson se refere ao investimento financeiro e a disposição de correr riscos, pois para adquirir o original, o editor tem de pagar os direitos do autor e no Brasil, segundo Earp e Kornis (2005, p.24), esses direitos correspondem a 10% do valor de capa<sup>4</sup> de um livro.

Os direitos autorais são um conjunto de regras regulamentadas pela Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98) e podem ser aplicada tanto para pessoa física como para pessoa jurídica, uma vez sendo ela, a criadora de uma obra intelectual. Há dois tipos de direitos, sendo eles, o direito moral e o direito patrimonial. O primeiro assegura o direito de autoria da criação de determinada obra e é intransferível, enquanto o outro se refere à utilização com fins econômicos da obra e pode ser cedido para outros indivíduos. Fica a encargo do autor, decidir como seu material pode ser utilizado ao conceder que outras pessoas o utilizem de forma total ou parcial.

Conforme a definição acima, a Lei dos Direitos Autorais exerce proteção para o autor em relação às pessoas que utilizam a obra. Entre os anos de 2007 e 2009, o Ministério da Cultura do Brasil promoveu debates em relação a atualização da lei que regula os direitos autorais no país. Em 2010, o MiniC realizou consulta pública para revisão da lei supracitada com o objetivo de adaptar as regras ao novo cenário das tecnologias digitais.

---

<sup>3</sup> Traduzida para o português como FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas, Ameaças).

<sup>4</sup> Valor pago pelo consumidor, segundo as autoras o valor é dividido em: 25% para custos editoriais, 15% lucro da editora, 10% distribuidor, livreiro 40% e para o autor os 10% já citados.

O copyright implica um processo burocrático e de negociações, é uma das maiores preocupações das editoras na cadeia produtiva do livro. Com as publicações online além de essa cadeia ser modificada e os custos não serem os mesmos a preocupação volta-se para a pirataria. Segundo o THOMPSON (2013, p. 364), “os custos relativos a produção, estocagem e envio de livros físicos seriam eliminados, e o problema das devoluções acabaria com um simples clique”.

Ainda, conforme o autor (2013, p.366) é questionado como a editora obtém os direitos sobre a publicação digital e ressalta o fato das mesmas não tratarem do assunto, bem como, não pensarem a respeito de outras possibilidades.

As questões tornam-se ainda mais complexas pelo problema dos direitos embutidos – isto é, o copyright sobre o material que foi inserido no texto, como, por exemplo, citações ou ilustrações. A editora pode ter obtido permissão para usar esse material para a edição impressa do livro, mas podemos presumir que essa permissão possa ser transferida para uma edição eletrônica? Ou a editora precisa retornar a todos os detentores dos direitos originais, supondo que eles podem ser encontrados, e obter novamente os direitos para e-book? De fato, ninguém sabe as respostas a essas questões, pois elas simplesmente não haviam sido aventadas antes, e muitas editoras inclinaram-se a esperar e ver que as normas poderiam emergir antes de seguir adiante com sua própria e arriscada violação do copyright. (THOMPSON, 2013, p.366)

Diante disso, o Creative Commons<sup>5</sup> pode ser uma possibilidade a ser adotada como alternativa para essas questões. Com sua diversidade de selos essa licença abrange vários aspectos relacionados ao direito autoral de uma publicação. Os REAs são apoiados pela noção que considera o próprio conhecimento como um produto social coletivo que forma um “commons” que deve estar acessível a todos.

O digital commons é o resultado do uso de ferramentas abertas e voluntárias, como as licenças do Creative Commons e do software livre, quando da criação, da publicação e da distribuição de conteúdo educacional e científico. Ou seja, é o resultado dessa atitude de abertura. (ROSSINI, 2010 p. 217)

Retomando as funções apresentadas por Thompson (2013), a terceira e a quarta funções são o desenvolvimento de conteúdo e o controle de qualidade.

---

<sup>5</sup> Trataremos mais sobre Creative Commons no capítulo 2 desta monografia.

Originais que chegam à editora, prontos, são considerados uma exceção, na maioria das vezes, são revisados e desenvolvidos com comentários do editor e de outros envolvidos, bem como, é de sua responsabilidade avaliar a qualidade do texto e verificar se o original está de acordo com as políticas editoriais.

A quinta função apresentada por Thompson (2013, p. 26), é a de gerenciamento e coordenação. Como já citado acima por Araújo (2008, p. 37), o editor supervisiona o processo de produção, bem como, coordena a equipe de profissionais também envolvidos.

O processo de produção inicia com a aprovação do original e após essa etapa, começam os processos de edição, design e diagramação desse material. O que irá compor o livro é definido e criado durante essas etapas, a saber: projeto editorial e gráfico, escolha da tipografia, cores, dimensões da obra, paratextos editoriais dentre outras características. Vale ressaltar que esse processo requer muito tempo, normalmente é exercida pelo gerente da editora, responsável pelos setores específicos de produção e publicação. ou por freelances<sup>6</sup>. Não iremos aprofundar nesse processo de produção do livro em virtude da pesquisa não focar nesse tema, porém é importante mostrar que se encontram presentes na cadeia produtiva, pois é uma das etapas que o produtor recém-formado normalmente se insere, até como freelancer.

Após finalizar esse processo, o livro passa pelas etapas de revisão e impressão. Em paralelo, enviam-se os arquivos para uma gráfica, que retorna uma prova para a revisão final. Após todas as alterações feitas, o livro, enfim, é aprovado para a impressão.

A última função que Thompson apresenta é a que se refere a vendas e marketing. Para o autor, ambas são distintas, porém juntou ambas em uma função. Define marketing como “uma série de atividades visando informar e encorajar clientes potenciais a comprar um livro que foi lançado”, já as vendas são traduzidas por ele como atividades exercidas pela equipe de vendas, a citar: “visitar os principais clientes [...] e informá-los dos livros que serão lançados em breve, induzir encomendas de compras e administrar as relações entre as editoras e seus

---

<sup>6</sup> Profissionais que não possuem vínculos empregatícios com a editora, mas trabalham de acordo com a demanda, bem como, em um único trabalho.

principais clientes. Nesse ponto podemos observar a relevância de as editoras manterem esse contato com o público principalmente para poder superar a concorrência diante das tecnologias.

Após essas etapas nos vemos diante de aspectos principais que as empresas editoriais “agregam valor”. Para Thompson (2013, p. 28) são seis funções-chaves. E chegamos às últimas fases da cadeia produtiva do livro que é a distribuição e a venda (para livrarias, por atacado e a distribuição para as instituições). Para entender essa distribuição e venda dos livros precisamos conhecer o mercado editorial. Segundo a Câmara Brasileira do Livro os conteúdos dos livros publicados, no país, são categorizados em quatro grandes setores: os didáticos, que servem como instrumento de aprendizado dentro das salas de aula; obras gerais, que englobam livros de literatura e afins; os religiosos, que agrupam as obras de cunho espiritual e, por fim, os científicos, técnicos e profissionais (CTP), voltados para a produção acadêmica e profissional.

Cada segmento encontra dificuldades em relação à distribuição por conta das devoluções, conforme alerta Thompson (2013, p. 309), “para a maioria das grandes editoras comerciais, as taxas de devolução hoje, são em média, 30%”. Esse dado depende muito do segmento em que a editora se encontra. Segundo o autor “livros que não vendem chegam a 60% de devolução; livros que vendem tendem a 30%”. Os livros presentes na backlist da editora tendem a ter menos devoluções, assim como os infantis.

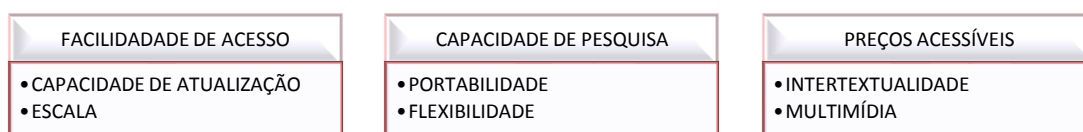
Uma das alternativas para tentar sanar essas devoluções são as publicações online, pois além de abreviar algumas etapas, podem reduzir também os custos como explica Thompson:

Em um mundo no qual o conteúdo foi entregue na forma totalmente eletrônica, as editoras poderiam pular a maioria, se não todos os intermediários da cadeia tradicional de fornecimento de livros, e entregar conteúdo diretamente ao usuário final em seu próprio website, ou por um intermediário na internet. (2013, p. 364)

É importante ressaltar que essa cadeia produtiva do livro é baseada na estrutura das grandes editoras, mas que exemplifica o processo de produção que pode ser adequado a outros produtos, impressos ou online, pelo processo ser

semelhantes. E que as funções aqui citadas exemplificam o papel do editor seja no livro ou em outros suportes publicados pelas editoras. O autor (2013, p. 369) elenca nove aspectos que as tecnologias podem agregar valor ao conteúdo (Gráfico 1) a ser publicado e ressalta que “não é algo que se aplica apenas as editoras”.

Gráfico 1 - Aspectos em que a tecnologia agregar valor ao conteúdo.



Fonte: (THOMPSON, 2013, p. 369) adaptado.

Os editores *freelances*, bem como as editoras independentes também fomentam o mercado editorial. Ainda mais, com a inserção da tecnologia. E com as diversas formas de financiamento para a publicação. Outra prática que está se estabelecendo no mercado editorial didático é a produção colaborativa envolvendo autoria e coautoria. Hallewell (2012, p. 619), nos conta que essa publicação colaborativa, entre editoras e instituições, já era exercida em 63, na época, buscar a parceria de uma instituição era requisito para ser publicado.

[...] é o costume das coedições entre editoras e instituições educacionais. O primeiro esquema desse tipo foi estabelecido por Mário Guimarães Ferri, em 1963, quando se tornou presidente da Edusp (Editora da Universidade de São Paulo). Qualquer autor ou editor que precisasse de apoio na comercialização de um livro sobre qualquer assunto especializado de possível interesse para a Universidade era estimulado a submetê-lo à Comissão Editorial da Edusp.

Ainda, conforme o autor (2012, p. 620) O mais importante desses programas (com base no esquema de Ferri) “foi o do Instituto Nacional do Livro<sup>7</sup>, cuja quota de exemplares em qualquer coedição destinava-se a distribuição gratuita às bibliotecas públicas. Muitas dessas, localizadas nas regiões mais pobres do país e destituídas de recursos para compras dos livros”.

<sup>7</sup> Encerrado com a abolição do órgão pelo presidente Cólór em 1991.

Hallewell (2012, p. 622), destaca que esse princípio de coedição foi estendido ao campo do livro didático em 1971 pelo INL, já naquela época só pelo programa “eram sete milhões de livros por meio do Fundo do Livro Didático<sup>8</sup>, a cerca de dois milhões de alunos pobres, e possibilitando que os restantes treze milhões de alunos das escolas primárias adquirissem seus livros a preços reduzidos em 40%”.

Atualmente, o Governo Federal é o maior cliente que mais gera lucro para as editoras. Através do Programa Nacional de Livro Didático (PNLD)<sup>9</sup>, editais são lançados para a compra dos livros didáticos que serão distribuídos nas escolas públicas.

Este programa foi criado em 1985, tendo como objetivo a aquisição e distribuição universal e gratuita de livros didáticos para os alunos da rede pública do ensino fundamental, sendo que a política de planejamento, compra, avaliação e distribuição do livro escolar é centralizada no governo federal. Realiza-se por meio do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), autarquia federal vinculada ao MEC (Ministério da Educação) e responsável pela captação de recursos para o financiamento de programas voltados ao ensino.

O PNLD é executado através de ciclos trienais alternados, onde é liberado um edital pelo governo que especifica todos os conteúdos e características que livros de Matemática, Português, Literatura, Ciências, dentre outras disciplinas devem possuir. Os valores destinados para a compra de livros didáticos são tão elevados que as receitas dessas editoras são separadas entre as vendas para o varejo e as vendas para o governo.

Segundo pesquisa “Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro” realizada anualmente pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) a pedido do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e da Câmara Brasileira do Livro (CBL), o segmento editorial didático é o líder em questão de vendas e o governo é apresentado como o maior financiador devido aos programas, conforme apresenta a Figura 3:

---

<sup>8</sup> Órgão representativo das autoridades educacionais federais e estaduais.

<sup>9</sup> Disponível em <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1270364.pdf>> Acesso em: 12 de Nov. de 2015

Figura 3 - Faturamento e exemplares vendidos.

<b>FATURAMENTO E EXEMPLARES VENDIDOS (MERCADO + GOVERNO)</b>						
<b>SUBSETOR</b>	<b>Faturamento (R\$)</b>			<b>Exemplares Vendidos</b>		
	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>Var. %</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>Var. %</b>
Didáticos	2.562.043.016,13	2.491.687.951,80	-2,75	220.847.100	184.200.099	-16,59
Obras Gerais	1.258.411.506,07	1.275.177.090,04	1,33	149.866.288	142.769.420	-4,74
Religiosos	524.471.830,55	559.648.204,36	6,71	73.855.439	73.642.915	-0,29
CTP	1.014.499.831,89	1.081.992.894,98	6,65	35.401.483	35.077.723	-0,91
<b>TOTAL</b>	<b>5.359.426.184,63</b>	<b>5.408.506.141,17</b>	<b>0,92</b>	<b>479.970.310</b>	<b>435.690.157</b>	<b>-9,23</b>

Fonte: Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro (2015).

Essa presença se justifica pelo fato de o principal cliente desses grandes grupos editoriais, ser o próprio Governo Federal, através de programas que visam subsidiar o trabalho pedagógico dos professores ao adquirir materiais que auxiliem os alunos de educação básica.

Mas esses materiais enviados, mesmos escolhidos pelos professores, não auxiliam as aulas, e sim, obrigam o professor a replanejar as aulas. Porque o conteúdo apresentado não atende a realidade daquele contexto escolar. Conforme Cassiano (2004, p. 16) nos apresenta em sua pesquisa:

aspectos da materialidade dos livros didáticos interferem diretamente na sua prática pedagógica, atuando como um constrangimento que obriga o professor a reelaborar o desenvolvimento de sua prática em função do material recebido e, por vezes, alterando os saberes pedagógicos que circularão na sala de aula.

Diante da definição acima, buscamos o Guia PNLD 2016<sup>10</sup>, para ver se nessa versão atualizada do programa, já contempla esse apelo dos professores, inclusive o apelo do mercado por conteúdos inovadores e por recursos a serem trabalhados na educação a distância.

Segundo o guia digital disponível no site o Programa conta com novidades “a inclusão do componente curricular Arte, e às coleções de obras integradas”. O que prova a real importância tanto das vivências estarem relacionadas ao conhecimento, quanto as disciplinas convergindo, complementa o uma a outra nesse ensino integrado. Dá para perceber que só na apresentação essa versão de 2016 é bem diferente da anterior. No PNLD 2016 está contemplado o componente curricular Arte, que considera as modalidades de Artes Audiovisuais e Visuais, Dança, Música e Teatro. Sendo uma área de conhecimento, é importante que Arte esteja presente nos anos iniciais do ensino fundamental, colaborando na formação cultural dos alunos, proporcionando o reconhecimento e respeito à diversidade.

As demandas da sociedade estão voltadas para a diversidade, o reconhecimento das diferenças e uma educação integradora, pelo que o site apresenta, as “obras integradas”:

fornecem elementos para pensar e compreender a ação humana em sociedade na criação e transformação dos espaços, na compreensão das linguagens das ciências, seus conceitos e suas práticas sociais, considerados como fruto da ação do homem ao longo do tempo. Apresentam um processo articulado de construção de conceitos a respeito do tempo, espaço, ambiente, cultura, ciência, tecnologia, comunicação e sociedade.

Mais um diferencial é observado agora na página relacionada a escolha dos livros, ela é voltada ao professor, e fica claro a preocupação com identificar a realidade da escola. O que não era observado em edições anteriores. Os profissionais do livro, ao produzir as obras estão tendo que, cada vez mais, inovar pensando em seu público, envolvendo o professor nessa produção. Conforme consta no guia (2016):

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.fnnde.gov.br/pnld-2016/>> Acesso em: 20 de Out. de 2015.

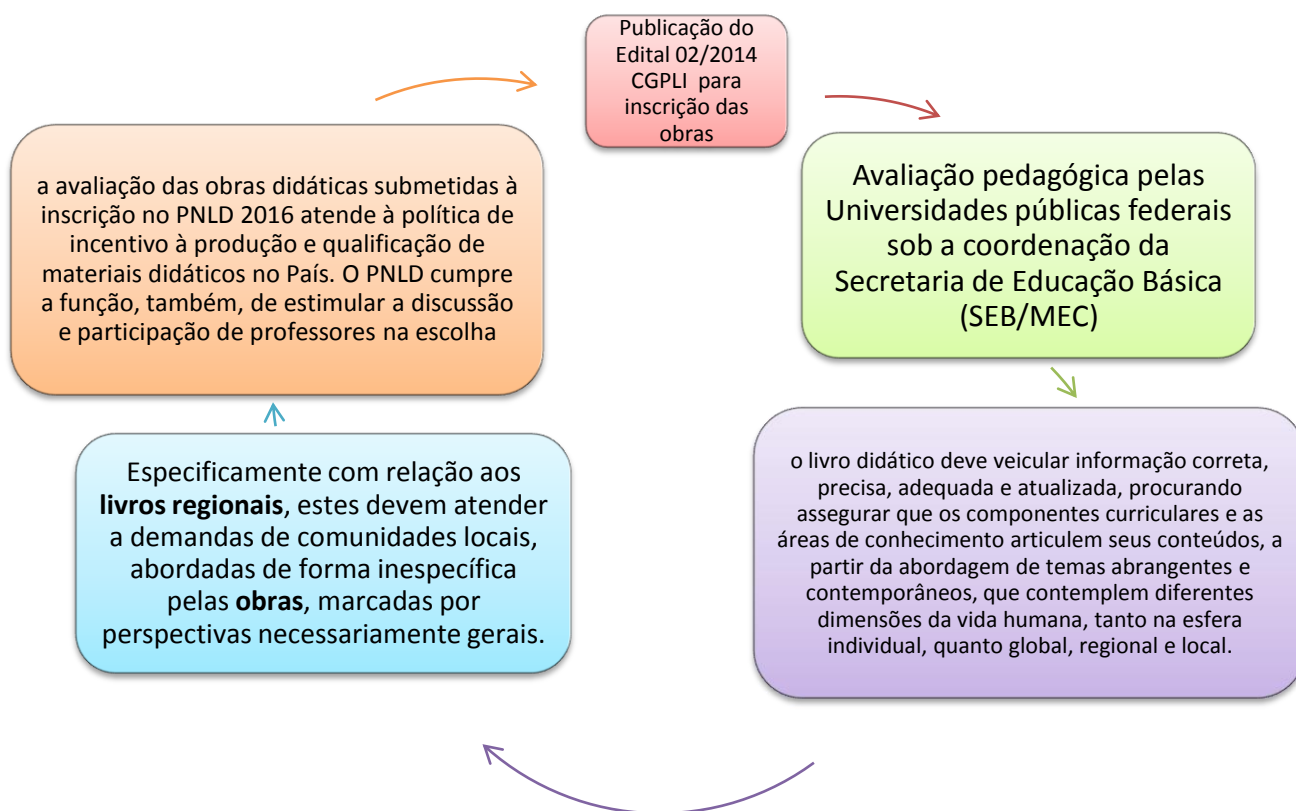


essas diferenças são apresentadas nos textos das resenhas, para que vocês, professores, possam analisar quais obras apresentam as características consideradas importantes para atender ao projeto político pedagógico da escola e que melhor se adaptam à realidade de seus alunos.

Ainda conforme o guia (2016), “o ensino que ignore a necessidade de desenvolvimento das várias habilidades cognitivas e se dedique primordialmente à memorização de definições e de procedimentos [...] não propicia uma formação adequada para as demandas da sociedade atual”. A avaliação das obras didáticas submetidas à inscrição no PNLD 2016 busca garantir a qualidade do material a ser encaminhado à escola, incentivando a produção de materiais cada vez mais adequados às necessidades da educação pública brasileira. Para entender os critérios para inscrever obras no PNLD (2016), foi elaborado um ciclo (Gráfico 2) com base nos dados retirados do guia digital.

O Material Didático, conjunto de textos, imagens e de recursos, ao ser concebido com a finalidade educativa, implica na escolha de um suporte impresso ou digital. De acordo com Bandeira (2009, p. 10), a utilização e combinação de diferentes meios e tecnologias de informação e comunicação (TIC) para o desenvolvimento de processos educacionais permite, “[...] atender as necessidades especiais e desenvolver produtos customizados para as diversas demanda”.

Gráfico 2 - Ciclo com os passos para inscrever uma obra no PNLD 2016.



Fonte: Guia Digital PNDL, 2016. adaptado.

Espera-se, sobretudo, que o livro didático viabilize o acesso de professores, alunos e famílias a fatos, conceitos, saberes, práticas, valores e possibilidades de compreender, transformar e ampliar o modo de ver e fazer a ciência, a sociedade e a educação. Assim, iniciativas editoriais que associem correção conceitual, adequação de atividades e procedimentos, atualização pedagógica e reflexão sobre as interações entre ciência, tecnologia e sociedade constituem importantes instrumentos de apoio e qualificação do ensino.

Em relação a essas iniciativas o Grupo A, que já é referência no segmento de CTPs, em 2010 inicia uma nova fase nos negócios voltada para a educação e TICs com base nos conceitos da educomunicação. Conforme é apresentado na página [sobre](#) do site:

No início, o livro era a nossa fonte de inspiração. Hoje, nos inspiramos nos novos desafios da educação. Nos diferentes formatos dos conteúdos, na

tecnologia, na mudança de comportamento e, principalmente, na sua qualificação profissional. Queremos despertar o potencial das pessoas e trabalhamos para que o aprendizado de cada um seja único. [...] Com educação à distância ou presencial.

Além dos selos Artmed Editora, Bookman Editora, Penso Editora, Artes Médicas e McGraw-Hill, o grupo representa a *Blackboard*<sup>11</sup> no Brasil. E também aquisições voltadas à tecnologia para a educação e educação a distância, portais de conteúdo e educação corporativa e plataformas de conteúdo, apresentadas na Figura 4 a seguir.

Figura 4 – Iniciativas do Grupo A na tecnologia para a educação.



Fonte: Site do Grupo A.

A aquisição da GSI online<sup>12</sup> veio para contribuir, a partir da mentalidade jovem dos fundadores, com a operação dessas tecnologias na educação. Kipermann (2015) ressalta “Trouxemos cinco dos fundadores e todos assumiram posições

<sup>11</sup> Líder mundial no setor de soluções tecnológicas para a Educação.

<sup>12</sup> Fundada em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, planeja e executa ações de Treinamento & Desenvolvimento, assim como customiza conteúdos de instituições de ensino. Nosso foco é mobilizar resultados em torno de estratégias de aprendizagem, sempre trabalhando em conjunto com o cliente. Disponível em: [http://www.gsonline.com.br/?page\\_id=80](http://www.gsonline.com.br/?page_id=80) Acesso em: 23 de Nov de 2015.

gerenciais dentro da empresa, com uma mentalidade nova e uma cabeça orientada para negócios digitais”.

Essas aquisições buscam atender a necessidade de soluções inovadoras para o mercado como afirma Kipermann (2015) ao abordar sobre a SAGAH (Soluções educacionais integradas).

[...] a SAGAH foi uma aposta grande, que nos dá muita satisfação porque ao mesmo tempo em que ela respeita o passado, já que usa todo o conteúdo produzido e acumulado durante todos esses anos e a nossa experiência, ela também representa uma solução inovadora e alinhada com as novas necessidades e desafios do mercado da educação.

Nos últimos anos, com os avanços tecnológicos, processos de financiamento coletivo, editais de fomento da produção de recursos didáticos e a demanda de produzir materiais interativos e inovadores, são grandes os desafios do mercado. Surgem assim os Recursos Educacionais Abertos (REAs). A apropriação da educomunicação como uma filosofia de trabalho pelo produtor editorial contribui para a produção desses recursos.

OS REAs dão oportunidade para os profissionais do livro, produzirem recursos desde a educação básica até a superior, com a crescente demanda de educação a distância, os profissionais terão que atentar para essas outras possibilidades de publicação. Existem maneiras de produzir um conteúdo colaborativo, aberto e ao mesmo tempo lucrar com isso. Essa questão será aprofundada no capítulo seguinte.

## 2 RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS

A sociedade em geral anseia por melhorias na educação e busca este para todos o que deveria ser cumprido conforme consta o artigo XXVI da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Toda pessoa tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.

A educação aberta surge para acelerar esse processo, por meio da implantação da Universidade Aberta do Brasil- UAB<sup>13</sup>, em 2005, com acesso livre às pesquisas e produções dos alunos e professores e por meio dos Recursos Educacionais Abertos (REA) e dos respectivos repositórios. Produzir os materiais didáticos, compartilhar as ideias e o conhecimento é uma forma de mudança. Para tanto, o professor, precisa absorver o máximo do contexto escolar e conhecer o aluno, isso beneficiará a dinâmica da aula. Outro importante passo é incentivar tanto o aluno quanto o professor a fim de proporcionar um ensino e aprendizagem mais flexíveis:

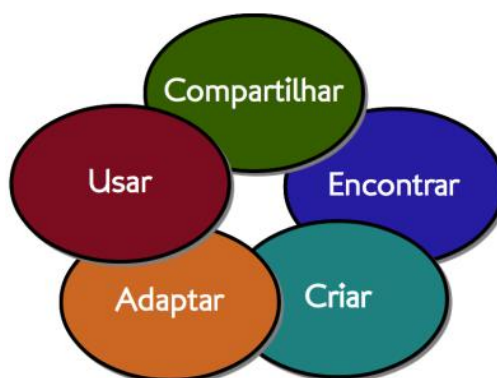
Estamos à beira de uma revolução global no ensino e na aprendizagem. Educadores em todo o mundo estão desenvolvendo um vasto conjunto de recursos educacionais na Internet, que são abertos e livres para todos usarem. Esses educadores estão criando um mundo onde cada uma e todas as pessoas podem acessar e contribuir para a soma de todo o conhecimento humano. Eles também estão plantando as sementes de uma nova pedagogia, onde educadores e estudantes criam, moldam e desenvolvem conhecimento de forma conjunta, aprofundando seus conhecimentos e habilidades e melhorando sua compreensão durante o processo. (DECLARAÇÃO DE CIDADE DO CABO, 2007, p.1).

---

<sup>13</sup> O Sistema UAB foi criado pelo Ministério da Educação no ano de 2005, em parceria com a ANDIFES e Empresas Estatais, no âmbito do Fórum das Estatais pela Educação com foco nas Políticas e a Gestão da Educação Superior. Trata-se de uma política pública de articulação entre a Secretaria de Educação a Distância - SEED/MEC e a Diretoria de Educação a Distância - DED/CAPES com vistas à expansão da educação superior, no âmbito do Plano de Desenvolvimento da Educação-PDE. Disponível em:< <http://uab.capes.gov.br/index.php/sobre-a-uab/historico>>. Acesso em: 01/11/2015.

A produção dos REA é representada em um ciclo. Na perspectiva de um professor, começa com uma atividade cotidiana: o desejo e a necessidade de aprender e ensinar algo e da continuidade com um processo que envolve encontrar, criar, adaptar, usar e compartilhar. Conforme a Figura 5:

Figura 5 - Ciclo REA e suas possibilidades



Fonte: educacaoaberta.org.

O fato de propor que o professor produza o REA não quer dizer mais trabalho, pois como afirma (AMIEL, 2012, p.27), “fotos, vídeos, poesias, histórias ou outros elementos de qualidade criados por alunos podem ter outro destino que não a lixeira ou a prateleira ao final de um curso”. Isso remete a cultura de compartilhamento, pois não se sabe o que pode surgir a partir de uma ideia. A possibilidade de compartilhar faz com que outras pessoas tenham acesso e possam modificar o produto de acordo com suas necessidades e muitas vezes, resulta em um novo recurso. Essa reação em cadeia é uma alternativa para atingir uma educação aberta.

É importante que esses recursos estejam disponíveis em acesso livre para isso contamos com repositórios digitais. Entre os mais conhecidos destacamos alguns exemplos como: Portal do Professor, Banco Internacional de Objetos Educacionais, Portal Domínio Público, Portal Educacional do Estado do Paraná, Laboratório Didático Virtual, Editora Aberta EduMIX, que comprovam “no Brasil, a

maior parte do acervo existente é mantida por universidades e instituições governamentais.” (SILVA, 2011, p. 127).

Com o alcance da internet esses ambientes virtuais podem proporcionar exemplos de recursos contribuindo com o educador conforme explica Amiel:

Os dilemas compartilhados podem ir ao encontro de sugestões e modelos advindos de outros contextos similares. Práticas de sucesso podem servir de inspiração para outros alunos e professores, além de serem ricos recursos de pesquisa para qualquer interessado na melhoria da educação. (2012 p.28).

Um dos repositórios de REAs mais utilizados mundialmente é o OpenStax que permite a troca de conteúdos em diversos formatos de fácil acesso conforme é apresentado na página “sobre” do site<sup>14</sup>

Frustrado pelas limitações de livros didáticos tradicionais e cursos, Dr. Richard Baraniuk fundou OpenStax (então Connexions) em 1999 na Universidade Rice para fornecer autores e alunos com um espaço aberto onde eles podem compartilhar e adaptar livremente materiais educativos, tais como cursos, livros e relatórios. Hoje, OpenStax CNX é um ecossistema digital sem fins lucrativos dinâmica que serve milhões de usuários por mês na entrega de conteúdo educacional para melhorar os resultados de aprendizagem. Há dezenas de milhares de objetos de aprendizagem, chamados de páginas, que são organizados em milhares de estilo livro de texto livros em uma série de disciplinas, facilmente acessíveis on-line e para download para praticamente qualquer dispositivo, em qualquer lugar, a qualquer hora. (OPENSTAX, 2015, s/p).

Os objetos educacionais são desenvolvidos em diversos formatos e suportes conforme termo cunhado no Fórum de 2002 da UNESCO sobre Softwares Didáticos Abertos que designa:

os materiais de ensino, aprendizagem e investigação em quaisquer suportes, digitais ou outros, que se situem no domínio público ou que tenham sido divulgados sob licença aberta que permite acesso, uso, adaptação e redistribuição gratuitos por terceiros, mediante nenhuma restrição ou poucas restrições. O licenciamento aberto é construído no âmbito da estrutura existente dos direitos de propriedade intelectual, tais como se encontram definidos por convenções internacionais pertinentes, e

---

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://cnx.org/about>> Acesso em: 20 de out. de 2015.

respeita a autoria da obra. (UNESCO apud DECLARAÇÃO DE PARIS SOBRE RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS, 2012).

Pretto, (2012, p.105) ilustra os REAs como ferramenta a partir da música com o tecnobrega que utiliza da remixagem para compor o estilo musical e ressalta “o que importa nesse movimento, assim como deve ser nos movimentos dos recursos educacionais abertos, é a possibilidade de uma intensa circulação e recriação desses bens culturais e científicos”.

Uma das características que Inamorato (2012, p.83) apresenta e que considera o fator que diferencia os REA dos outros materiais é o uso da licença aberta. O fato de estarem com o acesso livre e presentes nas redes “representam um enorme potencial de compartilhamento de conhecimento entre autores e usuários, de uma forma global, sem a preocupação em infringir direitos autorais”. Pretto (2012, p.106) pensa os recursos educacionais abertos como uma possibilidade de emancipação “de cada indivíduo, nação ou cultura” e como representantes das transformações que a sociedade exige para a educação. Essa possibilidade de emancipação se dá também pela oportunidade do exercício de autoria e coautoria.

### 2.1.1 REA E O MERCADO EDITORIAL PARA EDUCAÇÃO

Quando se trata de educação aberta vem à preocupação financeira de quem atua no mercado Gonzalez e Rossini (2012) colocam um debate entre política pública e as oportunidades para o mercado e apresentam as diferenças entre as características dos recursos educacionais convencionais e a filosofia dos REA:

A principal característica dos recursos educacionais convencionais está ligada ao fato de que o acesso a estes está limitado a vínculos institucionais formais, como matrícula em cursos, ou atividades específicas vinculadas ao trabalho profissional. Como tais, muitos materiais educacionais enfrentam altos custos de acesso e, no caso de o acesso ser gratuito, por exemplo, no caso dos livros didáticos fornecidos pelo governo às escolas da rede pública no Brasil, ainda assim são bloqueadas sua reutilização criativa, sua cópia e sua adequação a contextos locais.[...] a filosofia dos recursos educacionais abertos coloca os materiais educacionais na posição de bens comuns e públicos, voltados para o benefício de todos, especialmente daqueles que



hoje ainda recebem pouco ou nenhum apoio do sistema educacional, como adultos e pessoas portadoras de deficiência. [...] Outra característica dos REA é que, [...] eles fortalecem o sujeito que produz o conteúdo, colocando o autor no centro das atenções, já que a escolha de quando e como compartilhar as obras que cria é uma decisão que dispensa a mediação das editoras. Abre-se, assim, um mundo de oportunidades, de satisfação pessoal e de negócios, como a autopublicação, aproximando o autor do público. (GONZALEZ E ROSSINI, 2012 p. 38 a 40).

Outra consequência do recurso convencional é a barreira para a diversidade de conteúdo e o material sendo REA pode incluir traços da cultura local e o sujeito no centro do processo (GONZALEZ, ROSSINI, 2012, p.56) “os REA são um instrumento com grande potencial de libertar o indivíduo das barreiras geradas pela artificial escassez do mercado de recursos educacionais, colocando o sujeito no centro do processo produtivo do conhecimento”. Como recomendava Freire e de acordo com o paradigma educacional.

Segundo as autoras (2012, p. 65) “no campo dos REA, modelos de negócio abertos significam que o conteúdo central de um recurso educacional está disponibilizado gratuitamente e licenciado abertamente para o usuário”. Um dos exemplos apresentados é a *Flat World Knowledge*<sup>15</sup> uma editora que disponibiliza seu acervo no site de forma aberta e obtém recursos por meio da comercialização de formatos diferenciados para celular, tablets e audiobook. “[...] Os autores dos livros didáticos [...] recebem royalties vindos das vendas dos livros nesses diferentes formatos em valores superiores ao praticado no mercado”.

A editora apresenta números significativos de economia pelas faculdades que aderiram os livros didáticos abertos, conforme Figura 6:

---

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www1.flatworldknowledge.com/>. Acesso em: 05 de Nov de 2015.

Figura 6 - Infográfico com dados da editora Flat World Knowledge



Fonte: Autora (2015) a partir da definição de Rossini (2010, p.65).

Os objetos educacionais fomentam a cultura colaborativa, essa produção em rede promove a prática do financiamento coletivo, como apresenta Pretto:

Um livro escrito por muitas pessoas, que participaram dos debates e das discussões que antecederam a sua publicação, tudo por conta da enorme e ágil possibilidade trazida pela internet. Estamos falando em rede, em produção colaborativa e, também, em software livre, software de código aberto, em crowdfunding (financiamento coletivo), em formas de licenciamento das produções culturais e científicas que avancem para muito além das restritivas leis de direito autoral (copyright) em vigor em praticamente todo mundo. (PRETTO, 2012, p.91-92).

Ao falar em produção colaborativa não se pode esquecer os mediadores desse processo, ou seja, os professores e seu papel na formação dos sujeitos. Pretto (2012, p. 97) evidencia que “professores fortalecidos enaltecem a produção de diferenças dentro da escola, transformando-a, essencialmente, em um espaço de criação e não de mera reprodução do conhecimento estabelecido”. Para Rossini (2010, p. 225) essa produção colaborativa é incentivada pelos REA e é considerada, um “bem social valioso”. Redes que possibilitam uma melhor e inovadora aprendizagem por meio de novas produções como destaca Pretto (2012, p.100):

Essas articulações precisam compreender que a educação, a cultura, a ciência, a tecnologia, o digital, entretanto outros campos e áreas, são,







essencialmente, elementos históricos e, como tal, ao mesmo tempo que vêm para facilitar alguns processos, criam novos obstáculos, especialmente quando trazidos como elementos vivos para a sala de aula.

É necessário conhecer e entender as formas de publicação bem como suas licenças. Rossini (2010) fala sobre o processo ser enriquecedor para o indivíduo, porém com essa mudança criam-se obrigações e diretrizes por parte das instituições e governos: “Em países muito desenvolvidos, mandatos para acesso aberto e políticas públicas que incentivem recursos educacionais abertos fazem parte da nova gama de deveres do estado e de direitos do cidadão”. Os REAs são apoiados pela noção que considera o próprio conhecimento como um produto social coletivo que forma um “commons” que deve estar acessível a todos.

O digital commons é o resultado do uso de ferramentas abertas e voluntárias, como as licenças do Creative Commons e do software livre, quando da criação, da publicação e da distribuição de conteúdo educacional e científico. Ou seja, é o resultado dessa atitude de abertura. (ROSSINI, 2010 p. 217).

As licenças são uma forma de valorizar a autoria e proporcionar facilidade na criação e distribuição de conteúdos. Ao pensar em disponibilizar o conteúdo na internet deve-se levar em conta o que se pretende com essa difusão e a partir daí definir dentre os diferentes tipos de apropriações. Cada licença especifica algo conforme a Figura 7 abaixo:

Figura 7 - Infográfico com os tipos de licenças do Creative Commons.

<b>LICENÇAS CREATIVE COMMONS</b>	
<b>Atribuição CC BY</b>	<b>Atribuição CC BY-NC-SA</b>
<p>Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É a licença mais flexível de todas as licenças disponíveis. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.</p> 	 <p>Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.</p>
<b>Atribuição CC BY-NC</b>	<b>Atribuição CC BY-NC-ND</b>
<p>Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.</p> 	 <p>Esta é a mais restritiva das nossas seis licenças principais, só permitindo que outros façam download dos seus trabalhos e os compartilhem desde que atribuam crédito a você, mas sem que possam alterá-los de nenhuma forma ou utilizá-los para fins comerciais.</p>
<b>Atribuição CC BY-ND</b>	<b>Atribuição CC BY-SA</b>
<p>Esta licença permite a redistribuição, comercial e não comercial, desde que o trabalho seja distribuído inalterado e no seu todo, com crédito atribuído a você.</p> 	<p>Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Esta licença costuma ser comparada com as licenças de software livre e de código aberto "copyleft". Todos os trabalhos novos baseados no seu terão a mesma licença.</p> 

Fonte: Autora (2015) a partir da definição do site [creativecommons.org](http://creativecommons.org).

Segundo Rossini (2010), “abertura” e “conectividade” eram conceitos estranhos aos editores tradicionais, que se moveram para restringir o acesso ao conhecimento digitalizado por meio dos aumentos radicais de preços e controle da propriedade intelectual por uma série de ações.

Com a política do compartilhamento o acesso livre a informação facilita o ensino e a aprendizagem utilizando-se dos REAs como ferramenta, a autora aborda sobre a necessidade de ampliar os materiais disponíveis em acesso aberto para outros níveis de escolaridade:

O Acesso Aberto lida com materiais que são mais adequados aos níveis de graduação e pós-graduação, os quais embora sejam importantes não são os únicos materiais nem os únicos segmentos educacionais a que devemos prestar atenção. Em países como o Brasil, com altos níveis de analfabetismo e baixos índices de pessoas frequentando graduação e pós-graduação, há uma grande necessidade de ampliar os materiais disponibilizados preocupando-se também com aqueles que apóiam uma aprendizagem mais democrática e inclusiva desde os estágios iniciais de escolarização. (ROSSINI, 2010 p. 223)

Neste contexto de necessidade de acelerar o processo de acessibilidade democrática a educação, reportamo-nos a OECD (2007) que aponta três razões para que os governos apoiem projetos como REAs:

Eles expandem o acesso a oportunidades de aprendizagem a todos, especialmente a grupos não tradicionais de estudantes, ampliando, portanto, a participação no ensino superior. Eles podem ser um modo eficiente de promoção de uma aprendizagem duradoura para o indivíduo e o governo. Eles podem suprir a lacuna existente entre aprendizagem não-formal, informal e formal. (apud ROSSINI, 2010 p. 231)

Gonsales (2012, p.151) salienta os desafios para que o Brasil possa trabalhar com REAs como obter recursos para difundir a informação e o conhecimento sobre o tema e ao mesmo tempo “abrir um canal permanente de diálogos com grupos editoriais, tradicionais representantes do copyright (todos os direitos reservados)”. Segundo a autora “os grupos que forem mais estratégicos e, principalmente, abertos ao novo, sairão ganhando”.

Um exemplo de “grupo aberto ao novo” é a EduMIX - Editora Aberta, objeto de estudo dessa pesquisa que será apresentada a seguir.

### 3 EDUMIX – UMA EXPERIÊNCIA DE EDITORA ABERTA

A Editora Aberta EduMIX é um Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão criada em março de 2014 na disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial para Educação do Curso de Produção Editorial da UFSM. Mesmo com pouco tempo de atuação foi reconhecida como uma iniciativa global em relação aos REAs. Neste capítulo, buscamos averiguar as possibilidades do produtor editorial no mercado de livros didáticos a partir da educomunicação e dos recursos educacionais abertos.

#### 3.1 A EDITORA

O Projeto de Ensino e Extensão EduMIX (Figura 8) é uma editora aberta, criada em março de 2014 na disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial Aplicado à Educação, e segue a perspectiva da Educomunicação e dos Recursos Educacionais Abertos (REA). Volta-se a produção de materiais de ensino, aprendizado e pesquisa sobre temáticas curriculares ou transversais em diferentes suportes tecnológicos, que estão sob domínio público, ou estão licenciados de maneira aberta, permitindo que sejam utilizados e remixados. Entre as primeiras produções da EduMIX destacam-se: livro, vídeo, jogo, áudio book e site sobre temáticas curriculares e transversais. Tanto a disciplina quanto a editora são de responsabilidade da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosane Rosa que ministra e coordena ambas.

Figura 8 - Logo da editora



Fonte: Arquivos EduMIX

O Projeto vem atender essa lacuna voltada à preparação de editores que dêem conta da produção de materiais abertos para uma educação aberta. Os produtos publicados pela editora são planejados, executados e testados durante um semestre, período em que ocorre a disciplina, por acadêmicos de Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A disciplina além de ser experimental, fomenta a extensão, pois os acadêmicos buscam parcerias para a produção do trabalho e ele acontece de maneira colaborativa com escolas e demais instituições.

Atualmente a editora se encontra no mapa global dos recursos educacionais abertos e é reconhecida como uma iniciativa em recursos educacionais abertos (Figura 9), a partir da pesquisa e mapeamento do projeto Mira<sup>16</sup> (Mapa de Iniciativas de Recursos Abertos), segundo Mira (2014) eles tiveram “como objetivo não somente a produção de software, mas também de conteúdo. Buscamos identificar e mapear iniciativas relacionadas a REA em uma área pouco reconhecida [...]”.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <http://mira.org.br/#!/loc=13.752724664397,-71.015625,2> > Acesso em: 30/10/2015.

Figura 9 – Página do Mapa REA Global.



Fonte: Projeto Mira

Desde o início em 2014 até atualmente a disciplina teve duas turmas e está finalizando a terceira. Este trabalho irá focar nas produções dos acadêmicos da primeira e segunda turma. Cada uma produziu os REAs em parceria com instituições, escolas, ONGs, etc. Os trabalhos produzidos na disciplina são publicados pela EduMIX e disponibilizados em repositórios externos, bem como o repositório da própria editora que consta no site do Programa EDUCOM UFSM<sup>17</sup>.

Os REAs registrados pela editora são avaliados pelo processo de produção e segundo os critérios apresentados no Quadro 5. Para a inserção nos repositórios são selecionados alguns dados que compõe a ficha catalográfica dos produtos e que constam no Quadro 6 a seguir.

<sup>17</sup> Disponível em: < <http://200.18.32.173/educom/index.php/projetos/editora-aberta> > Acesso em: 30/10/2015.



Quadro 5 - Critérios para avaliação dos REAs

<b>Critérios de Avaliação dos REA</b>
1. Qualidade e <b>originalidade</b> do projeto proposto
2. <b>Clareza</b> na proposta, <b>de acordo com o público</b> para o qual se destina (contexto sociocultural, faixa etária etc.)
3. Adequação de <b>vocabulário e recursos multimídia</b> ao público para o qual se destina
4. <b>Exploração lúdica, desafiadora</b> e criativa de recursos motivacionais; estímulo ao interesse dos usuários
5. <b>Usabilidade</b> – facilidade de apropriação, compreensão e memorização das regras, recursos de ajuda (instruções, guias, menus, manuais, tutoriais)
6. <b>Recursos Visuais</b> – uso criativo e harmônico de cores, ilustrações, fotografias e/ou vídeos/animações
7. <b>Recursos Sonoros</b> – uso criativo e harmônico de música, efeitos sonoros, formatos radiofônicos
8. <b>Recursos Textuais</b> - uso criativo e harmônico de texto (fontes tipográficas, quantidade, equilíbrio com demais recursos)
9. Criatividade, pertinência e <b>profundidade do conteúdo; rigor científico</b> na exploração das temáticas
10. Estímulo à <b>interdisciplinaridade</b>
11. <b>Adequação da proposta ao suporte físico e/ou virtual</b> ; (escolha pertinente de materiais, softwares, navegadores, plataformas,... compatibilidades, possibilidade de atualizações)
12. <b>Acessibilidade</b> – possibilidade de adaptação/tradução a usuários com deficiência
13. <b>Clareza quanto à perspectiva dos REA</b> (licenças, autoria, uso de softwares livres e/ou de código aberto, orientação ao usuário)
14. <b>Estímulo às possibilidades de apropriação</b> , remixagem, obras derivadas e redistribuição por parte do usuário
15. Estratégia de <b>divulgação</b> do Recurso Educacional (submissão a repositórios, manutenção de site/rede social ou meio de contato para o público encontrar o REA, reportar erros, sugestões, republicações)

Fonte: Arquivos da disciplina

Quadro 6 - Ficha Catalográfica do REA para envio á repositórios externos e EduMIX

<b>Título:</b>	
<b>Tipo do recurso:</b>	
<b>Objetivos:</b>	
<b>Descrição do REA:</b>	
<b>Observação:</b>	
<b>Componente Curricular:</b>	
<b>Tema:</b>	
<b>Autor (es):</b>	
<b>Idioma:</b>	
<b>País:</b>	
<b>Fonte do recurso:</b>	
<b>Endereço eletrônico:</b>	
<b>Detentor do direito autoral:</b>	
<b>Licença:</b>	
<b>Submetido por:</b>	
<b>URI:</b>	
<b>Disponível em (link):</b>	

Fonte: Arquivos EduMIX

O interesse em analisar a EduMIX - Editora Aberta iniciou a partir das observações da autora desse estudo, que além de trabalhar com a área pesquisada, participou da disciplina onde a Editora foi criada. Ao perceber o crescente uso da educomunicação e dos REAs para as mudanças na educação, bem como, as necessidades do mercado editorial didático em produzir recursos inovadores. Além de o fato da Editora ser um laboratório do curso de Produção Editorial da UFSM, bem como, o reconhecimento da editora como uma iniciativa global em REA. Assim,

o problema que norteou a pesquisa foi: qual é o papel do editor na produção de Recursos Educacionais Abertos e as possibilidades no mercado editorial didático diante da educomunicação? Os procedimentos metodológicos são apresentados no subcapítulo a seguir.

## 3.2 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos utilizados para a elaboração desta monografia são divididos em: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, descrição do estudo de caso e para finalizar o capítulo a recuperação dos dados descritos e uma breve análise a partir dos conceitos estudados.

### 3.2.1 Em busca do tema

Ao iniciar a pesquisa, pelo fato da autora trabalhar e estudar a área desde o início do curso surgiu vários temas e possibilidades de estudo. Dos temas elencados no primeiro semestre do presente ano foi escolhido “educomunicação radio web e a troca de experiências entre as escolas de educação básica” a partir do qual seria produzido um projeto experimental (um portal na web) como proposta para a secretaria de educação do estado do Rio Grande do Sul onde reuniria as experiências educacionais das Coordenadorias de Educação do estado. A pesquisa iniciou com a produção do estado da arte, a pesquisa bibliográfica, bem como, e a revisão de literatura e com isso foi produzido um artigo para apresentação em um evento da área. Durante o evento o retorno do público participante serviu como uma pré-banca e alertou a pesquisadora para o investimento na continuação dos estudos na área e para o contato maior com a pesquisa. Diante disso, em orientação, foi decidido que a troca do projeto experimental para a monografia proporcionaria esse maior contato, bem como a troca do tema para que a autora pudesse aliar à pesquisa a área da produção editorial, visto a relevância da pesquisa, a afinidade e os interesses da pesquisadora. Pois, como explicam Barros e Junqueira (2009, p. 39) na área da comunicação a escolha do tema dificulta pelas

diversas possibilidades e ressaltam que para a escolha é necessário “optar por um tema importante relacionado com os interesses acadêmicos do pesquisador ou com sua experiência e/ou perspectivas de trabalho, área de atuação ou objeto de curiosidade acadêmica”. Ainda, conforme os autores, “Escolher o tema é crucial para o êxito do trabalho”. O tema escolhido foi à atuação do produtor editorial por meio da educomunicação e a produção de REAs no mercado editorial didático.

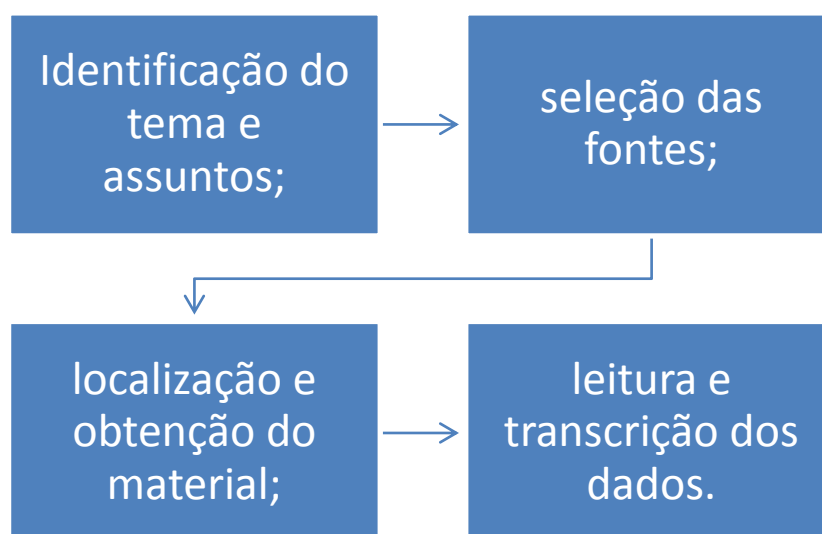
### **3.2.2 Pesquisa bibliográfica**

A pesquisa começou através de uma pesquisa bibliográfica, buscando conteúdos trabalhados por pesquisadores que fossem referências através de suas teorias e conceitos sobre educomunicação, o papel do produtor editorial e também sobre Recurso Educacional Aberto. Para se compreender melhor sobre o tema estudado, foram consultadas bases de dados, bem como repositórios, livros, artigos e outras publicações acadêmicas sobre os referentes assuntos citados acima.

Conforme Stumpf (2009, p. 51), a pesquisa bibliográfica norteia a produção dos capítulos teóricos é “um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema e proceder à respectiva anotação para posterior utilização”. Ainda segundo a autora, a revisão de literatura é onde apresenta tudo que “o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões”.

Em seu texto Stumpf (2009, p. 55 a 59) elenca itens necessários para a realização da pesquisa bibliográfica, a citar: identificação do tema e assuntos; seleção das fontes; localização e obtenção do material; leitura e transcrição dos dados. Conforme sistematizado no Gráfico 3:

Gráfico 3 - Como realizar a pesquisa bibliográfica



Fonte: Stumpf, (2009, p. 55 a 59). (adaptado).

Retomando as etapas da pesquisa bibliográfica, após a localização e obtenção do material, o intervalo das férias de julho foi utilizado para a leitura e transcrição dos dados, e a partir dos fichamentos compor a revisão de literatura e a escrita dos capítulos teóricos.

O referencial teórico utilizado para suprir as necessidades investigativas desta pesquisa, compreendem os campos da educomunicação, ofício do produtor editorial e recursos educacionais abertos. Educomunicação com os pesquisadores: KAPLÚN (1976; 1998; 2011; 2014), FREIRE (1979), BACCEGA (1994), SAVIANI (1997), TAPSCOTT (1999), OROZCO (2002), SOARES (2006; 2011; 2014), SOUSA SANTOS (2007), AMARANTE (2012) e SARTORI et.al (2014). Para compreender o ofício do produtor editorial e o mercado de livro didático, a citar: CHARTIER (1999), EPSTEIN (2002), BRAGANÇA (2005), FURTADO (2006), ARAÚJO (2008), BANDEIRA (2009) HALLEWELL (2012) e THOMPSON (2013). Dialogando com as duas teorias, cito os pesquisadores utilizados para estudar os REAs: ROSSINI (2010), SILVA (2011), AMIEL; PRETTO; INAMORATO e GONZALES E ROSSINI (2012).

### **3.2.3 Observações teóricas**

No decorrer da pesquisa das fontes para o capítulo teórico, nos deparamos com estudos sobre o campo da produção editorial (editoração) e como o foco da pesquisa é o editor, o trabalho não aborda sobre a área, mas sim sobre o papel do editor e sua atuação no campo focando no mercado de livro didático. Para explicar onde o editor pode atuar utilizamos como exemplo a cadeia do livro (THOMPSON, 2013), por mais que com a inserção da tecnologia ocorreram modificações a atuação no processo de produção dos recursos educacionais em outros formatos é semelhante. E devido ao objeto de estudo ser atual, buscamos contextualizar os campos com referências a partir do séc XX.

### **3.2.4 Estudo de caso**

Devido ao fato da produção de recursos na educação aberta ser um campo de atuação para o produtor editorial razoavelmente inexplorado, que vem transformando as formas de educação e de produção de recursos educacionais para o mercado editorial didático, bem como, uma pesquisa com caráter abrangente, o método escolhido foi o estudo de caso.

Conforme Duarte e Yukiko, “há várias definições de estudo de caso”, mas a que melhor define a presente pesquisa é a de Yin (2001, p.32 apud 2009, p. 216) “o estudo de caso é um inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real”. Ainda conforme Yin, o que diferencia o estudo de caso reside na “capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências”.

### **3.2.5 Coleta de evidências**

“O estudo de caso utiliza para coleta de evidências, principalmente seis fontes distintas de dados” diante das fontes apresentadas pelas autoras Duarte e Yukiko

(2009, p. 229) para a presente pesquisa será utilizada a fonte “documentos” que assim definida por elas consiste em “uma importante fonte de dados que pode assumir várias formas”. Os documentos utilizados foram o site do programa EDUCOM UFSM, onde a editora, bem como suas produções estão inseridas, a ementa da disciplina (Anexo A) onde a editora foi criada e os relatórios finais de cada equipe.

Com o objetivo de se compreender as funções agregadas ao editor nessas produções, foi utilizada como técnica a análise documental, que “compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para um determinado fim” (MOREIRA, 2009, p.271). Para atingir o objetivo de apresentar o corpus, a descrição ocorreu em três etapas: a localização dos documentos, a seleção das produções e, por fim, seleção das variáveis para a descrição das produções. Os mesmos critérios para a descrição das produções foram utilizados como categorias de análise para esta pesquisa, pois se acredita que melhor contemplam a participação do editor.

### **3.2.6 Eventos complementares no processo**

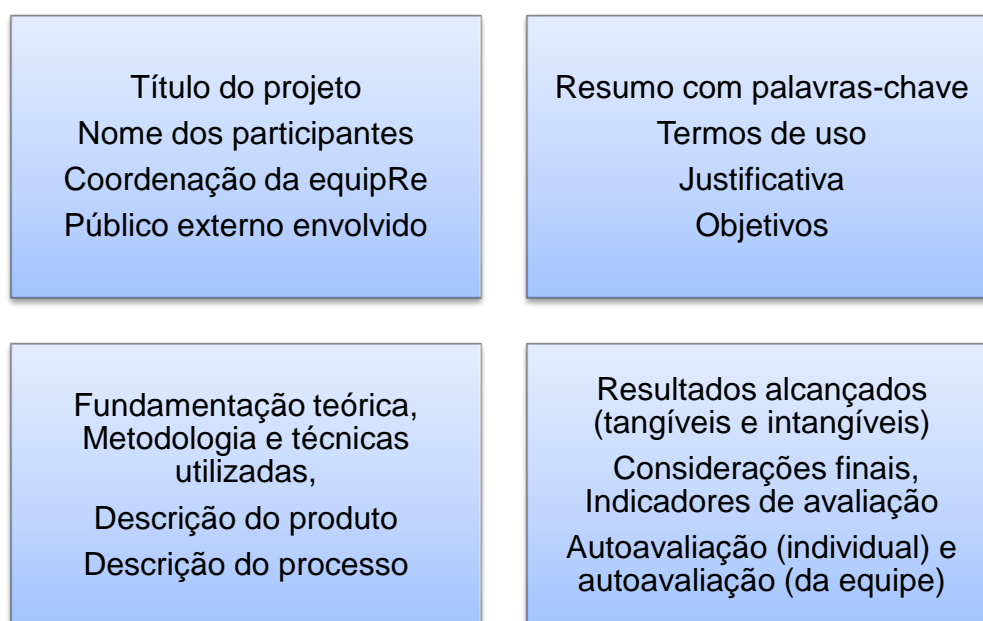
Durante o desenvolvimento dessa pesquisa, ocorreram eventos que puderam complementar, bem como auxiliar na definição dessa pesquisa. Nestes, foram apresentados três artigos, dois painéis e também a participação em uma mesa redonda.

Os eventos envolveram o campo da produção editorial e da educomunicação, a citar: o VI Encontro Brasileiro de Educomunicação e III Educom Sul, ocorrido em Porto Alegre/RS, o XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação no Rio de Janeiro/RJ e o 2º Congresso de Extensão da Associação de Universidades do Grupo de Montevideu em Campinas/SP. A mesa "Relatos de experiência na formação profissional e no mercado de trabalho: alunos de PE e Bacharelado em Letras da UFSM", ocorreu no 6º CONVERSAS COM: REDES DE EDITORAÇÃO realizada pelos cursos de Letras e Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria.

### 3.3 DESBRAVANDO AS PRODUÇÕES REA DA EduMIX

Para a descrição das produções foram adotados os relatórios que cada equipe entregou ao final da disciplina. O relatório é considerado uma parte da nota para aprovação dos acadêmicos e é estruturado com os itens: título do projeto, nome dos participantes, coordenação da equipe, público externo envolvido, resumo com palavras-chave, termos de uso, justificativa, objetivos, fundamentação teórica, metodologia e técnicas utilizadas, descrição do produto, descrição do processo, Resultados alcançados (tangíveis e intangíveis), considerações finais, indicadores de avaliação, autoavaliação (individual) e autoavaliação (da equipe). Conforme listado na Figura 10 em ordem não hierárquica.

Figura 10 Lista de itens do Relatório



Fonte: Relatório da disciplina

Como critérios para a descrição, foram elencados as variáveis: título do projeto, nome dos participantes, público externo envolvido, justificativa, objetivos,



descrição do processo, descrição do produto, termos de uso, indicadores de avaliação (teste do produto), considerações finais.

Como já foi mencionada, a disciplina teve duas turmas e está finalizando a terceira. No subcapítulo abaixo estão descritos os trabalhos selecionados em ordem criada pela autora.

### **3.3.1 Infomix**

O projeto foi desenvolvido pelas acadêmicas Luana Londero Binotto e Vivian Jorge em parceria com a professora Simone Matiuzzi, junto a estudantes de 14 a 17 anos, integrantes da radioescola da Escola Estadual de Ensino Médio Cilon Rosa.

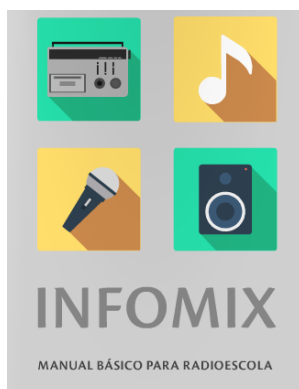
A equipe escolheu trabalhar a temática radioescola por ser de grande relevância, pois segundo as acadêmicas na região central do Rio Grande do Sul são 40 escolas que possuem o projeto. Para qualificar o que já vem sendo desenvolvido na comunidade. Levar a oportunidade de novos protagonismos e conhecimentos no espaço escolar. O manual também servirá de apoio para novos projetos.

Este recurso educacional aberto teve por objetivo, abordar e aplicar o processo radiofônico, fomentar a autoria e participação tanto dos alunos quanto dos professores, explorar as habilidades e vivências, mostrar a importância de políticas públicas na educação e disponibilizar o manual online.

O processo iniciou com visitas a escola para conhecer o contexto em que as acadêmicas estavam se inserindo, segundo Binotto e Jorge uma das dificuldades encontradas foi em relação à gestão escolar. O grupo de alunos foi dividido por interesses. Foram trabalhadas oficinas com colaboração de profissionais da área. Outra preocupação das alunas era quanto a divulgação das atividades e para essa finalidade foi utilizada uma página no Facebook. A equipe solicitou que os alunos apresentassem suas dúvidas para que elas fossem sanadas nas oficinas.

O produto desenvolvido é um Manual (Figura 11) de suporte para a radioescola na versão impressa e digital, a versão digital foi publicada no Issuu<sup>18</sup>. Além do manual foi produzido um site para aproximar a radioescola e os alunos, bem como a comunidade em que o projeto está inserido. Por meio do site é possível ajudar a escolher as músicas que serão tocadas, mandar mensagem, ver fotos, etc. O REA está licenciado em Creative Commons<sup>19</sup> sob o selo CC BY, a escolha “é justamente por ser a mais livre de todas as licenças que fazem parte do Creative Commons” (BINOTTO; JORGE, 2014).

Figura 11 - Capa do Manual



Fonte: Site do projeto

O grupo aproveitou o retorno de cada oficina para construir o trabalho e não especificou no relatório se foram feitos testes com o manual, mas disponibilizaram online para que ele possa servir de apoio para outros projetos de implantação de Radioescola.

---

<sup>18</sup> De gigantes da indústria editorial a graduados em artes que procuram um primeiro emprego, issuu dá a qualquer um com ligação à conteúdo digital, a capacidade de carregar e distribuir suas publicações em todo o mundo. Em apenas alguns minutos. E quantas vezes quiser. Disponível em: <<https://issuu.com/about>>

<sup>19</sup> Mais informações sobre as licenças e seus selos no capítulo 2.

### 3.3.2 Descola: Guia prático de REA em língua portuguesa

O Descola é de autoria das acadêmicas Andressa Spencer de Mello, Lóren Kellen Carvalho Jorge, Monica Silveira Peripoli e Renata Engleitner Borsa com o apoio da professora Tirza Pozzobon. Desenvolvido juntamente com alunos de 8 a 10 anos que cursam o terceiro ano do ensino fundamental na Escola Edson Figueiredo.

A equipe ressalta a importância da produção de um REA para uma educação colaborativa por envolver os alunos no processo. Após o diagnóstico do grupo a dificuldade maior foi quanto à língua portuguesa e aí a necessidade de um guia digital com todas as atividades realizadas pelos alunos.

O objetivo foi produzir um guia unindo as experiências das atividades realizadas com os alunos e a professora. A partir da inserção do grupo na escola as autoras pretendiam fomentar atividades inovadoras para o ensino da língua portuguesa com a colaboração dos participantes.

Para viabilizar o projeto foram realizadas atividades que contribuíram para o ensino de conteúdos previamente trabalhados pela professora. Após a pesquisa constatar as dificuldades e interesses dos alunos foram criadas as atividades voltadas ao exercício da língua portuguesa, a citar: história colaborativa, jogo de cartas, resenha de filme, história em quadrinhos, poesia e carta para o futuro presidente.

O Descola (Figura 12) é um guia digital para o ensino da língua portuguesa nas escolas. O guia aborda conteúdos como: acentuação, gêneros textuais e interpretação de textos. A equipe também criou um [site](#) para compartilhar o trabalho. O Descola está licenciado com o selo Creative Commons (BY-NC-SA) que segundo as acadêmicas foi escolhida “por acreditar que a educação não deve ser um produto, mas que ela deve estar acessível e disponível a todos que desejarem utilizar novas práticas educativas em sala de aula”.

Figura 12 - LOGO do Descola



Fonte: Site do projeto

### **3.3.3 Cartilha do alcoolismo: do aluno para a família**

A cartilha é de autoria dos acadêmicos, Camila Jaeger, Carolina Giacomini, Cássio Rodrigo Aguiar, Fernando Mesquita e Isadora Stefanello e foi desenvolvida com alunos do primeiro ano do Ensino Médio que corresponde à faixa etária de 14 a 17 anos, com a colaboração da professora Maribel Dal Bem na Escola Estadual de Ensino Médio Cilon Rosa.

Por constatar uma grande porcentagem de alunos que possuem ligação com a problemática do álcool, os acadêmicos buscaram tratar do tema tendo os alunos como ponte para a informação chegar aos pais. A conscientização por meio dos filhos.

O trabalho objetivou facilitar o contato entre a comunidade escolar e os pais com a finalidade de conscientizar sobre os malefícios do alcoolismo, apresentar pontos de tratamento e alertar os envolvidos sobre o que fazer diante de situações onde há abuso no uso de álcool.

A produção das cartilhas foi norteada pela filosofia dos Alcoólicos Anônimos (AA's). Para compor o conteúdo foram levados profissionais que tratam do alcoolismo, bem como, casos de sucesso envolvendo ex-alcoólatras e após essas atividades ocorreu uma oficina de fanzine onde os alunos produziram a capa para as suas cartilhas.

O produto da equipe são duas cartilhas uma educacional e a outra metodológica. A educacional tem uma seção que são os textos e jogos desenvolvidos pelos alunos, o projeto gráfico foi desenvolvido concomitantemente com a cartilha metodológica, pois uma complementa a outra. A cartilha metodológica possui versão digital e impressa com seções como: perguntas e respostas sobre o alcoolismo e temas para redação.

Os acadêmicos aplicaram um questionário para verificar o nível de motivação dos participantes e a relevância das cartilhas no projeto como um todo. Vale ressaltar que as questões eram fechadas e apenas uma aberta com possibilidade de resposta descritiva. O grupo observou na questão “Disserte sobre sua participação no projeto” uma grande quantidade de relatos de casos de alcoolismo na família que justifica a produção proposta.

Os acadêmicos acreditam que com o produto desenvolvido muitas mudanças poderão ocorrer com a entrega do material aos pais devido ao conteúdo conter depoimentos dos filhos, ou seja, terá potencial para sensibilizá-los. O trabalho teve a atenção dos alunos retida às atividades desenvolvidas e o grupo atribui esse fato a criatividade no método de ensinar.

Um ponto que os acadêmicos ponderaram foi o fato da produção da cartilha não ter seguido os processos de editoração profissionais, pois isso se deve ao esforço do grupo em adequar o produto aos objetivos dos REAs “adaptou-se a processos mais artesanais, mas de fácil difusão pelos envolvidos” (RF, 2014). As cartilhas estão licenciadas sobre o selo Creative Commons CC-BY, o grupo justifica a escolha desse selo, pois se alinha aos objetivos da disciplina em disponibilizar recursos para aprendizagem em uma educação aberta.

#### **3.3.4 A Fantástica História dos Kaigangs**

O trabalho é de autoria dos acadêmicos Bruna Costa Camargo, Indira Tatsch Maronez, Pedro Barcellos Ferreira e Vinícius de Souza Rodrigues e foi desenvolvido com a colaboração do GAPIM. O REA foi desenvolvido para alunos do sétimo ano

do ensino fundamental, pois segundo os acadêmicos “é a série na qual está sendo estudada a história indígena”.

O grupo buscou abordar os valores da cultura indígena e de sua história, devido a pouca visibilidade. Dentre os objetivos, estão: a criação de um jogo de tabuleiro como um produto REA com acesso livre e em uma plataforma digital, promover a igualdade étnica-racial, dar visibilidade ao sujeito indígena e promover a troca de experiências entre os alunos.

No processo de desenvolvimento do projeto, foram feitas pesquisas sobre a temática, bem como, contato com organizações para assessoria sobre o conteúdo. Após a coleta dos dados seguiram com a formatação do conteúdo e desenvolvimento do produto e por fim a aplicação do mesmo em uma turma de sétimo ano do Ensino Fundamental.

O Jogo de tabuleiro proporciona o uso do raciocínio lógico e abstrato da memória. O jogo sobre a história dos índios Kaingangs, contém perguntas e respostas em cartinhas, a medida que o jogador acerta avança no tabuleiro. Conta também com um guia (Figura 13) para o professor utilizar o recurso em sala de aula.

Figura 13 - Capa do guia para o professor



Fonte: Site do projeto

Está disponível [online](#), acessível em diversos formatos inclusive em áudio. O trabalho está licenciado em Creative Commons sob o selo (BY-NC-SA). O jogo foi

testado por crianças com a faixa etária em torno dos 13 anos e segundo a equipe o resultado foi considerado satisfatório em relação à receptividade dos avaliadores, bem como, a fluidez do jogo. Os autores perceberam uma nova possibilidade como profissionais de Produção Editorial, bem como um crescimento pessoal.

### **3.3.5 Produção de livro digital com software livre**

O projeto é de autoria do acadêmico Marcos Rodrigo Soares e é desenvolvido de maneira colaborativa na Escola Municipal de Ensino Fundamental CAIC – Luizinho de Grandi. Ele contou com o apoio da professora Eunice Maria Mussoi e de alunos do sexto e sétimo anos, monitores do laboratório de informática, a citar: Ana Claudia de Almeida, Érica dos Santos e Miguel Soares. O público envolvido são crianças e adolescentes de 10 a 15 anos, alunos do quinto ano do ensino fundamental.

O projeto teve por objetivo envolver os alunos em atividades para a produção colaborativa de um livro digital. O processo contou com exposições teóricas e práticas envolvendo conteúdos como a história da internet e dos livros digitais. Após os encontros teóricos foi apresentado o curta-metragem em animação “Leonel Pé-de-Vento” dirigido por Jair Giacomini para que os alunos pudessem por em prática a experiência de autoria e de produção baseados no curta. Produzindo assim, uma obra derivada. A produção do conteúdo literário e edição do texto com o software BrOffice Writer e os desenhos com a ferramenta Tux Paint. O autor ressalta que para os alunos com dificuldade de operar os programas foi feita a proposta de desenhar a mão livre.

Trata-se de um livro digital que segundo o acadêmico, está em formato epub, pois é um formato acessível e com possibilidade de adaptar-se em diferentes plataformas. A licença é Creative Commons (CC-BY-NC) e a escolha da licença é justificada pelo autor:

entendo que a obra possui características próprias que envolve a livre criação do espírito dos alunos que produziram os desenhos e os textos sem buscar uma retribuição monetária. No entanto, os autores buscam o

reconhecimento e sua própria afirmação como desenvolvedores de seus talentos. (2014, p. 12).

Na descrição não foi abordado se o produto está disponível na internet para compartilhamento e remixagem por outros autores.

### **3.3.6 Conte comigo – Os Problemas de Júnior (Maria Rita)**

Criado pelas acadêmicas Rayanne Senna e Tania Avila com a participação de alunos do quarto ano do Ensino Fundamental da E.E.E.F. Dr. Antônio Xavier da Rocha juntamente com a professora Eliane Barbosa.

A produção deste REA justifica-se por ser um meio de promover o exercício da co/autoria. Como as autoras afirmam “as escolas podem contar com a implantação destes recursos para complementar e qualificar as formas de aprendizagem que são usadas hoje”.

As autoras iniciaram o trabalho com a ideia de trabalhar com literatura infantil, por isso o contato com a escritora Maria Rita. Ao aceitar o convite para colaborar ela cedeu uma de suas obras (24 exemplares) para que as acadêmicas pudessem criar a proposta do trabalho.

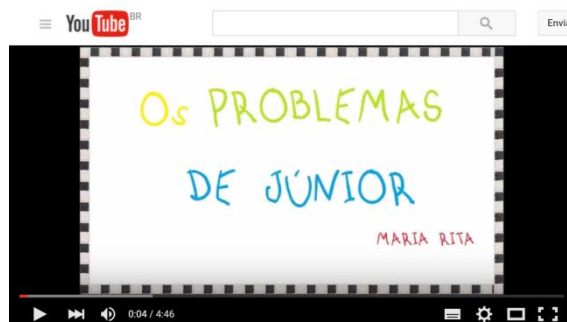
Uniram a obra da Maria Rita com a participação de alunos para produzir uma obra derivada e para isso elas contataram a escola. Ao apresentar à proposta a professora e aos alunos, elas haviam decidido por uma animação audiovisual com base na obra “Os problemas de Júnior”, porém os alunos não teriam tempo de produzir a animação devido às programações da escola. Para que os alunos pudessem contribuir as acadêmicas sugeriram que a narração seria feita por eles e as autoras fariam as demais atividades como produção das imagens, montagem da animação e produção do audiovisual com a animação. Os 24 exemplares foram distribuídos uma semana antes da gravação para que a professora pudesse trabalhar a narrativa em sala de aula.

A animação audiovisual (Figura 14) é composta por imagens e a narração dos alunos. A história em que a animação foi baseada é “Os Problemas de Júnior” da



autora Maria Rita. Para tornar o trabalho acessível o grupo criou um canal no YouTube intitulado “Conte comigo”. O produto está licenciado em Creative Commons sob o selo (CC-BY).

Figura 14 - Captura de tela do player no Youtube.



Fonte: Canal do projeto no Youtube.

Como o trabalho foi desenvolvido em colaboração com a escola, a avaliação proposta por elas foi um questionário respondido pela professora e pelos alunos.

### **3.3.7 “Vamos fazer o melhor para o mundo...” – Manual de Reciclagem e leitura**

O trabalho foi produzido de maneira colaborativa entre os acadêmicos Andrei Rodrigues Lopes, Izabelli Oliveira e Marina Maquiavelli, a professora Maribel Dal Bem e alunos do primeiro ano do Ensino Médio na Escola Estadual Cilon Rosa.

Justifica-se a escolha da temática pela crescente presença dos REAs e o fato da escola Cilon Rosa estar trabalhando com a temática ambiental a partir do Seminário Integrado. O grupo buscou criar um manual devido à pluralidade de contextos, novos aprendizados e socialização dos conhecimentos por meio de conteúdos e ilustrações desenvolvidos pelos alunos.

O trabalho tem por objetivo aprofundar conceitos sobre educação ambiental, estimular a produção e o compartilhamento de conhecimento e conscientizar sobre a importância da preservação do meio ambiente. O grupo evidencia os objetivos específicos como estimular a criação de conteúdo (autoria), mostrar a importância das políticas públicas na educação, bem como, fomentar a participação entre professor e aluno na criação de REA.

A partir do primeiro contato com a professora e os alunos, foi planejada a metodologia a ser utilizada no trabalho. Debates sobre reciclagem e leitura constituíram a base para a produção do conteúdo do manual que os alunos produziram em casa. O grupo montou um subprojeto a partir dos objetos que cada aluno escolheu trabalhar como: portas-canetas, caixas-presente, carteiras femininas, vidros decorados, marca-páginas, etc. O processo para a construção desses objetos virou conteúdo para o manual que também contou com ilustrações produzidas pelos alunos. O grupo ressalta a participação dos pais colaborando com a construção dos objetos nas atividades produzidas em casa. Os alunos saíram do ambiente da escola para gravar spots e uma paródia no estúdio 21 (laboratório de áudio e vídeo) do curso de Comunicação Social da UFSM.

O Manual de Reciclagem e Leitura tem como temática a educação ambiental e a prática da leitura no cotidiano. A produção do conteúdo feita pelos alunos, segundo os acadêmicos é mais coerente ao papel do produtor editorial, não criar o conteúdo, mas “oferecer formas de disponibilizá-lo e midiá-lo de alguma forma”. O conteúdo do manual contempla além dos materiais reutilizáveis, textos e ilustrações. O trabalho está nas versões impressa e digital, sendo que a versão digital conta com elementos interativos.

O conteúdo foi licenciado em creative commons e o selo escolhido é o (CC-BY), e é justificado pelos acadêmicos “por ser a mais livre de todas as licenças que fazem parte do creative commons”. O grupo ressaltou que o trabalho com os alunos do Ensino Médio causou a reflexão sobre como a Produção Editorial pode colaborar com a construção de uma educação aberta. Segundo os acadêmicos, a escola é um ambiente de muitas possibilidades, é por isso, que veem os produtores editoriais “como potencializadores de projetos já existentes”.

### 3.3.8 Contando o conto

As desenvolvedoras do trabalho são as acadêmicas Carine Martins, Marina Lima, Marina Smidt Mainardi e Thuyla Azambuja de Freitas. As autoras justificam o porquê de não ter produzido o REA com uma escola específica e sim para escolas em geral “devido a sua forma de aplicação ser facilmente adaptável para a realidade local e por estar disponível para download também em um website”. O foco é direcionado a alunos de ensino fundamental ou médio.

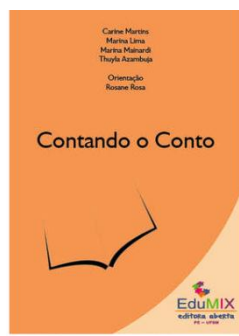
O jogo auxilia o professor a ser mediador no processo de motivar o aluno para um aprendizado lúdico. O jogo funciona como um roteiro para o professor trabalhar a área e temática que julgar coerente e de acordo com a realidade da escola.

Com o jogo, o grupo objetivou promover a criatividade e o exercício de autoria entre os alunos, aumentar a interação aluno-aluno e aluno-professor e contribuir no desenvolvimento argumentativo e interpretativo dos envolvidos.

Para concretizar o trabalho a equipe foi dividida em criação do conteúdo e design/diagramação. A divisão, segundo as autoras facilitou a produção, porém na hora de decidir o recurso viram que era inviável fazer um livro e uma cartilha em anexo e decidiram por publicar o passo a passo em forma de cartilha contendo os contos e suas temáticas.

Este REA é uma cartilha (Figura 15) com contos e sugestões de temáticas para a discussão de cada um deles. Na organização da cartilha, layout, projeto gráfico, a equipe buscou a legibilidade e praticidade. Para compartilhar o trabalho, o grupo criou um [site](#) onde disponibilizam a cartilha para baixar.

Figura 15 - Capa da cartilha



Fonte: Site do projeto

A licença escolhida pela equipe foi a Creative Commons (BY-NC-SA) e além de colocar a licença o grupo (2014, p. 7-8) ressalta as possibilidades de remixar:

As possibilidades de remix são diversas, além de a ideia ser aplicada a diversos contos, alguns, inclusive, de autores locais (respeitando sua licença de uso) e adequando os contos mais conhecidos pelos alunos, ou outros tipos de obras, como poemas que constam no plano de ensino da turma. Podem se desenvolver em sala de aula jogos de imitação, dramatização, imaginação, interpretação, mímicas, rimas, músicas, trabalhos manuais, atividades artísticas, entre outros, partindo do conto criado pelos próprios alunos, fazendo deles os atores principais da ação a ser desenvolvida.

A equipe conclui ressaltando o crescimento pessoal e profissional, lidar com conteúdo para educação básica foi uma experiência gratificante e os resultados foram satisfatórios com potencial para “expandir o s horizontes dos educadores”.

### 3.3.9 HQTV - O uso das Histórias em Quadrinhos no ensino do desenho

O HQTV é de autoria dos acadêmicos Alessandra Noal, Caroline Santos, Henrique Denis Lucas e Juliana Farias, desenvolvido em parceria com a produtora Puwaba Filmes e como público envolvido teve os alunos da Escola Estadual de Educação Básica Augusto Ruschi.

Após pesquisar sobre o tema o grupo verificou a carência de recursos em formato de Histórias em Quadrinhos (HQ). Segundo o grupo é “uma temática integrante do macrocampo ‘Comunicação, Uso de Mídias e Cultura Digital e Tecnológica’ do programa ‘Mais Educação’”. Por isso que o conceito de educomunicação foi incluído no material. Para disseminar o conceito, bem como, capacitar multiplicadores.

O objetivo é produzir um manual audiovisual (Figura 16) para alfabetização visual por meio de histórias em quadrinhos, fomentar o ensino de desenho e a capacitação de multiplicadores em educomunicação e HQ.

Figura 16 - Identidade do vídeo



Fonte: Canal do projeto no Youtube.

O grupo reuniu materiais ligados à temática e também entrevistaram profissionais relacionados as duas áreas apresentadas no audiovisual. Visavam um caráter colaborativo e para isso convidaram ilustradores, bem como a produtora, para contribuírem com seu trabalho. Após a conclusão a equipe foi até a escola para aplicação do REA.

O vídeo pretende mostrar o universo das histórias em quadrinhos (HQs) com o objetivo de propor atividades que incentivem as habilidades dos alunos no desenho, bem como, para que eles possam produzir suas próprias HQs. As narrativas do vídeo são contadas a partir de quadrinhos, ilustrações coloridas e animadas, entrevistas com profissionais da área, narração em áudio. A linguagem é informal e é proposta uma atividade prática ao final do vídeo. O próprio narrador é representado por uma ilustração. O audiovisual é licenciado em Creative Commons

(BY-SA), e os autores apresentam como possíveis obras derivadas “temos as próprias histórias em quadrinhos desenvolvidas pelos alunos, a partir da atividade sugerida pelo material, que podem vir a ser reunidas em uma publicação, impressa ou virtual”.

### **3.3.10 Crescer com segurança – Desenvolvendo estratégias para prevenção de acidentes com crianças**

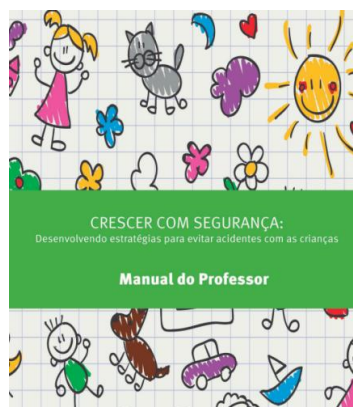
O projeto foi desenvolvido pelos acadêmicos Camila Nunes da Rosa, Juliana Facco Segala, Luis Filipe Machado e Maiara Lima com a colaboração da professora Tania Nunes, responsável pela turma do segundo ano do ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Abreu da cidade de Santiago/RS.

Os acadêmicos ressaltam o ganho de experiência na produção colaborativa, o trabalho também auxilia e amplia os conhecimentos e cuidados para evitar acidentes com crianças. A temática veio de encontro a realidade da escola em que o trabalho esteve inserido. A professora buscou o grupo como um meio de viabilizar a ideia para auxiliar no processo da cartilha.

A equipe objetivou com o trabalho, fomentar a discussão e alertar sobre a prevenção de acidentes com crianças em idade escolar. Desenvolver estratégias que mostrem os danos causados pelos acidentes, incentivar e estimular o pensamento e a produção coletiva e produzir um material de relevância para possibilitar o uso em todas as séries do ensino fundamental, bem como de diversas regiões do país.

O grupo trabalhou reunindo o material para o conteúdo do Manual (Figura 17) em paralelo com o programa da disciplina da professora Tania. Após coletar as informações a equipe foi dividida para dar conta do processo.

Figura 17 - Capa do Manual do Professor



Fonte: Site do Projeto

O REA é um manual didático para conscientização acerca dos cuidados para evitar acidentes com crianças. Foram desenvolvidas sugestões para os professores com materiais de apoio em vídeos, jogos, quiz e dicas para criação de uma cartilha de cuidados. O grupo se preocupou com a ilustração do manual para que pudessem atrair o interesse das crianças. Os autores (2014, p.9) apresentaram possibilidades de remix:

[...] o professor poderá desmembrá-lo, focando na área que for mais adequada à realidade de seus alunos, podendo trabalhar apenas com atividades relativas à educação no trânsito ou a acidentes domésticos, por exemplo. [...] Esse material tem um aspecto amplo, podendo ser utilizado e remixado por professores de qualquer parte do país, pois são assuntos abrangentes que não focam em nenhuma região.

O manual está liberado em PDF e divulgado em um site que os acadêmicos criaram para o apoio ao manual. A licença utilizada foi creative commons (BY-NC-SA).

### **3.3.11 “Quase Ministro: audiodrama”**

O audiodrama foi desenvolvido pelos acadêmicos Bruno Mello, Felipe Aguiar, Israel Orlandi e Maurício Fanfa com apoio técnico de Rafael Bald e Otacílio Neto. As vozes são de Emanuely Vargas, Felipe Dagort e Huéinton Rodrigues.

O grupo ressalta duas justificativas para a escolha da obra, o desinteresse pela representação pública da obra Quase Ministro do Machado de Assis, por isso resolveram dramatizá-la; a obra não foi gravada em áudio com intuito educacional e que com o audiodrama a obra alcançaria mais pessoas.

Os áudios foram editados com um programa de acesso livre. O grupo buscou deixar em um formato que fosse o mais acessível possível. A licença utilizada foi a Creative Commons Zero, a equipe justifica a escolha por ser um produto desenvolvido em uma instituição pública. A conclusão é que funcionaria melhor disponibilizar um texto público com mais ampla utilidade e em domínio público.

O grupo produziu um audiodrama, em dois formatos diferentes, conforme a equipe “todo o trabalho pode ser acessado, as cenas estão disponíveis, os arquivos brutos de gravação no estúdio, os documentos de produção e o relatório final”.

Consideram que a contribuição com a comunidade é um processo enriquecedor, e segundo o grupo, algo “essencial para uma mudança no cenário da educação e da cultura” além de “ampliar o acesso à obra de um ator brasileiro”.

### **3.3.12 Processos Editoriais na Escola**

O projeto foi desenvolvido pelos acadêmicos André Polga, Carolina Xavier, Denys Schimitt, Maura da Costa, a presente autora, Suelen Ribeiro e Thayze Fagundes em parceria com a direção, coordenação pedagógica e os alunos do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Educação Básica Augusto Ruschi.

O grupo ressalta que os professores fazem o uso da criação de livros, sem conhecer o processo editorial e que a partir dos processos os professores podem



aplicar em diferentes atividades pedagógicas “por ser um trabalho inovador, acreditamos que irá conferir importância e reconhecimento ao campo da editoração”.

A equipe (2014, p. 4) elenca alguns objetivos em relação ao REA:

disseminar a produção editorial, incentivar a leitura e o contato dos jovens com os livros, fornecer materiais de apoio pedagógico ao professor para que ele possa ministrar suas aulas com recursos mais interativos, promover um ecossistema comunicativo na escola que será implantado o projeto, promover a construção da cidadania, empoderar estudantes de uma escola de baixo IDEB através da aproximação com os livros, mostrando que a realidade sempre pode ser modificada através das práxis educacionais, desenvolver senso crítico em relação aos meios de comunicação, incentivar o protagonismo social, a criatividade e a autonomia, valorizar a pluralidade e a diversidade de ideias, permitindo que ideias sejam desengavetadas e que haja cessão de espaço para a diferença, concomitantemente promovendo a inclusão social, baseando-nos na gestão participativa e não na mera transmissão de conhecimentos. (POLGA, et.al., 2014, p.4)

Para realização do trabalho e por ser uma equipe grande o REA foi dividido em oficinas e um manual. Após decidir que seria aliado aos processos editoriais, o grupo realizou o primeiro contato com a escola, no qual, foi decidido que as oficinas englobariam os processos editoriais de um livro artesanal com materiais recicláveis, devido ao tema gerador da escola ser voltado ao meio ambiente. Diante disso, o grupo se reuniu para aprender as técnicas para trabalhar com o papelão e para criar as oficinas. A equipe foi dividida entre as oficinas e a produção do Manual. Nos encontros com os alunos foram desenvolvidas práticas pedagógicas, utilizando o princípio da educação, unindo a teoria com a ação. O recurso oferecido ao professor é resultado das oficinas ministradas na escola.

O produto da equipe é um Kit para o professor (Figura 18) que contém a versão online e offline. Na versão online, disponível no site, contém um manual do professor em dois formatos para baixar e seis vídeos complementares disponíveis no YouTube.

Figura 18 - Identidade Visual do Projeto



Fonte: Site do Projeto

Na versão offline contém um Manual do Professor impresso, um DVD de apoio com conteúdo multimídia e um exemplar do livro produzido pelos alunos nas oficinas. O grupo observa que “em relação ao conteúdo, não engessamos a obra no que tange ao processo editorial. Abordamos ideias para que o professor adapte o processo de produção do livro ao seu cotidiano educativo, suprimindo as necessidades de seus educandos”.

A licença utilizada pelos autores foi a Creative Commons (BY-NC-SA). O grupo concluiu que tiveram poucos problemas em relação ao projeto, segundo a equipe, “o que mais se destacou foi a escola ter estrutura [...], mas os alunos não dispunham de conhecimento sobre o Word, o que dificultou o ensino da diagramação”. Resultados positivos apareceram como o protagonismo dos alunos, o desejo de querer aprender, o exercício da autoria, incentivo a leitura e alunos querendo dar segmento ao projeto. A descoberta de um ecossistema comunicativo já enraizado na escola e a divulgação do papel do produtor editorial foi de grande relevância para o grupo. Conseguiram concretizar as ações para a criação do Manual de Professores. A experiência de extensão possibilitou aos acadêmicos compreender os verdadeiros valores da Educomunicação e colocar em prática a teoria aprendida em sala de aula.

### **3.3.13 Conte sua história**

O aplicativo foi desenvolvido pelos acadêmicos Fabio Brust, Inari Jardani Fraton, Jaimeson Garcia e Luiza Betat Correa juntamente com a direção,

coordenação pedagógica e as professoras do quinto ano do Ensino Fundamental, Fatima Marlei Chielle e Francisca Lima Rodrigues. O apoio técnico foi de Rafael Iop, graduado em Sistema de Informação pelo Centro Universitário Franciscano. O público envolvido foram alunos do quinto ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino fundamental Vicente Farenzena. “A escolha dessa série deu-se por acreditar que os alunos nessa idade estão em constante busca para se enquadrarem socialmente em um grupo, tentando encontrar um lugar de pertencimento”.

Devido ao espaço escolar ser bastante diversificado, essas diferenças provocam situações de intolerância. A partir disso, o grupo apresentou um programa que aborda essas questões sociais a partir de personagens em uma história em quadrinhos.

Os objetivos foram criar um produto digital que auxilie os alunos a exteriorizar os casos de bullying sofridos dentro da escola a partir de HQs. Complementar os conteúdos trabalhados em sala de aula, bem como, aproximar os acadêmicos e a sociedade.

O grupo iniciou com o contato com a escola e a coleta de dados. A fim de observar a existência ou não de bullying na escola e aplicaram um questionário com a turma. A próxima etapa foi o desenvolvimento do REA com a criação do conteúdo pelos autores e a programação do aplicativo pelo Rafael Iop. Após o término o grupo aplicou o programa com os alunos.

Conte sua história (Figura 19) é um programa de computador *off-line* para o desenvolvimento de histórias em quadrinhos. O tema abordado foi sobre o *bullying* na escola, utilizado como base para desenvolver o programa, as cenas e os personagens. O acesso ao programa é através do site criado pelo grupo para dar suporte e compartilhamento do programa. Esse site pode ser acessado mesmo sem ter internet o que torna o programa mais acessível. O aplicativo é licenciado Creative Commons (BY-NC-SA), a intenção do grupo (2014, p.18) é que “o programa seja trabalhado em outras escolas [...], sem que haja questões burocráticas, mas que os créditos sejam mantidos”.

Figura 19 - Identidade Visual do Projeto



Fonte: Site do Projeto

O grupo compreendeu o bullying como uma questão antiga e que o produto “possui relevância educacional e social” e que a utilização do mesmo beneficiará a vários segmentos.

### **3.3.14 Super Mito**

O REA é de autoria dos acadêmicos Andressa do Amaral, Flavio Quarazemin, Laiz Battisti, Laura Garcia com o apoio da professora de história Adriana do Amaral. Desenvolvido juntamente com alunos do sexto ano do ensino fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental Luizinho de Grandi.

O grupo fez contato com a professora para que pudessem desenvolver um REA para auxiliar em algum conteúdo da disciplina. A partir desse contato decidiram trabalhar com a mitologia grega. Em acordo com a professora eles aguardaram a mesma trabalhar o conteúdo em aula para depois poder aplicar o jogo.

Enquanto isso, a produção de conteúdo era feita pelos acadêmicos e foi dividida em: pesquisa e escolha dos personagens mitológicos, escolha das ilustrações para as cartas, redação de textos para as cartas e o site, desenvolvimento do layout do site e das cartas, orçamento para impressão dos baralhos, montagem das caixas e dos baralhos. Após a finalização, o grupo realizou duas visitas a escola, uma para a aplicação do jogo juntamente com os alunos e outra para a interação com o site.

O super Mito (Figura 20) é um jogo de cartas, inspirado nos baralhos de *Super Trunfo* e *Yu-Gi-Oh*. O REA traz como personagens os deuses, semideuses e titãs da mitologia grega, e os dados numéricos trazem habilidades de ataque e defesa. As cartas também são marcadas com elementos como: terra, fogo, água e ar. Além do jogo a equipe apresenta um site para facilitar o acesso ao produto, bem como, com “Início” que apresenta a definição de mito, “Cartas” onde ensinam como jogar, “Galeria” com as fotos do projeto, “Dicas” como utilizar o recurso, REA onde explicam como montar o jogo e o “contato” que consta também o expediente. O projeto é licenciado em Creative Commons (CC BY-NC).

Figura 20 - Página inicial do site



Fonte: Site do projeto

Segundo a equipe, “o projeto foi uma atividade bem completa” e que agregou tanto para o grupo como para os envolvidos. Para os acadêmicos o contato com os processos de produção, de maneira profissional e para os alunos o aprendizado de maneira lúdica e interativa, troca de experiências, troca de ambiente além da sala de aula.

### 3.4 BREVE ANÁLISE

Para a conclusão deste capítulo, faremos uma recuperação das produções descritas no estudo de caso, em forma de um quadro-resumo, com base nas variáveis: “Título do Produto”; “Suporte”; “Temática”; “Processo/Parceria” e “Link na internet”. (Quadro 7). Em seguida, apresentaremos uma breve análise ressaltando aspectos observados durante a pesquisa.

Quadro 7 - Resumo das produções REA da EduMIX - Editora Aberta

(continua)

<b>Título do Produto</b>	<b>Suporte</b>	<b>Temática</b>	<b>Parcerias</b>	<b>Link na internet</b>
Infomix	Manual	Radioescola	E.E.E.M. Cilon Rosa Prof <sup>a</sup> Simone Matiuzzi	<a href="#">Manual Site</a>

Quadro 7 - Resumo das produções REA da EduMIX - Editora Aberta

(continuação)

Descola: Guia prático de REA em língua portuguesa	Guia Digital	Ensino da língua portuguesa	Escola Edson Figueiredo Profª Tirza Pozzobon	<a href="#">Guia Site</a>
Cartilha do Alcoolismo: do aluno para a família	Cartilha	Alcoolismo	E.E.E.M. Cilon Rosa Profª Maribel Dal Bem	-
Indígenas: a Fantástica História dos Kaingangs	Jogo de tabuleiro	Cultura Indígena	GAPIM	<a href="#">Site</a>
Produção de livro digital com software livre	Manual	Co/Autoria	E.M.E.F. CAIC – Luizinho de Grandi Profª Eunice Maria Mussoi	-
Conte Comigo – Os problemas de Júnior	Stop Motion	Cultura Afro	E.E.E.F. Dr. Antônio Xavier da Rocha Profª Eliane Barbosa	<a href="#">Stop Motion</a> <a href="#">Manual</a>
“Vamos fazer o melhor para o mundo...” – Manual de reciclagem e leitura.	Manual	Educação ambiental	E.E.E.M. Cilon Rosa Profª Maribel Dal Bem	-
Contando o Conto	Cartilha/ Jogo	Cotidiano Escolar	-	<a href="#">Site</a>
HQTV - O uso das Histórias em Quadrinhos no ensino do desenho	Audiovisual	Ensino de histórias em quadrinhos	E.E.E.B. Augusto Ruschi Produtora Puwaba Filmes	<a href="#">HQTV</a>

Quadro 7 - Resumo das produções REA da EduMIX - Editora Aberta

(conclusão)

Crescer com segurança – Desenvolvendo estratégias para prevenção de acidentes com crianças.	Manual	Prevenção de acidentes	E.M.E.F Manoel Abreu Professora Tânia Nunes	<a href="#">Site</a>
Quase Ministro: audiodrama	Audiobook	Tradução do conto de Machado de Assis	-	-
Processos Editoriais na Escola	Kit do Professor	Autoria e produção editorial	E.E.E.B. Augusto Ruschi Coordenação pedagógica	<a href="#">Site</a>
Conte sua história	Aplicativo	Bullying	E.M.E.F Vicente Farenzena. Prof <sup>as</sup> Fatima Chielle e Francisca Rodrigues Bacharel em Sistemas de Informação Rafael Iop	<a href="#">Site</a>
Super mito	Jogo de cartas	Mitologia Grega	E.M.E.F. CAIC – Luizinho de Grandi Prof <sup>a</sup> Adriana do Amaral	<a href="#">Site</a>

Fonte: Autora (2015) a partir do relatório de cada equipe.

Considerando que o estudo busca identificar o papel do editor na produção de Recursos Educacionais Abertos e as possibilidades no mercado editorial didático, a partir da descrição das produções observou-se que os trabalhos desenvolvidos se baseiam nas referências teóricas disponibilizadas na ementa da disciplina. O que reforça o fato do produtor editorial se apropriar da educomunicação para a produção dos REAs.



Na categoria, autores, percebeu-se que a maioria buscou a parceria de escolas públicas para produzir o recurso, essas parcerias podem ser observadas no Quadro 7. Dos relatórios analisados, dois projetos não buscaram parcerias das escolas.

Assim, constatou-se que os REAs foram produzidos de maneira colaborativa e conforme já citado no aporte teórico, o contato com os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem é de fundamental importância.

Como fica evidente na categoria objetivos, oito grupos abordam sobre temáticas transversais. Já seis grupos tratam das questões curriculares e mais voltadas ao editor e a cadeia produtiva do livro, a citar: culturas africanas e indígenas, mitologia grega, incentivam a leitura, visibilidade do sujeito, empoderamento, emancipação e ecossistema comunicativo.

E ainda neste sentido que muitas equipes justificam a produção, por incentivar a democratização da educação, por auxiliar o professor em sala de aula, carência de recursos inovadores, promoção do uso dos REAs conforme o ciclo apresentado na Figura 5, uma oportunidade de novos protagonismos e constatar as necessidades da escola.

Com a categoria licença observou-se que de fato ocorreu à democratização da educação, pois houve a preocupação dos grupos em licenciar o produto de maneira aberta como requer os REAs, disponível para o desenvolvimento de obras derivadas e o cuidado com a produção de um conteúdo acessível. Bem como o cuidado de compartilhar os produtos na internet conforme links apresentados no Quadro 7.

Os aspectos conclusivos destacados pelos acadêmicos cumprem os objetivos propostos pelas equipes e pela EduMIX – Editora Aberta, os acadêmicos perceberam uma nova possibilidade de atuação como profissionais de Produção Editorial, bem como um crescimento pessoal. Um dos grupos ressaltou que o trabalho com os alunos do Ensino Médio causou a reflexão sobre como a Produção Editorial poder colaborar com essa construção, consideram que essa contribuição com a comunidade é um processo enriquecedor, e segundo um dos grupos, algo “essencial para uma mudança no cenário da educação e da cultura”.

A categoria descrição do processo apresenta a trajetória dos grupos desde a concepção da ideia até o pré-teste e avaliação. A maioria dos grupos fez o mesmo percurso. Contudo, alguns pontos foram observados pela pesquisadora como a não aplicação do teste do produto e o relatório de alguns grupos estarem incompleto. Outros desenvolveram o recurso e depois foram a uma escola para aplicar o pré-teste e a avaliação.

Na descrição do produto foram apresentados diferentes recursos e diversas temáticas, o que surpreendeu por serem apenas duas turmas. Essa diversidade apresentada nos trabalhos (Quadro 7), reflete também o perfil desses futuros profissionais. O editor precisa ser flexível, adaptar-se as novas demandas do mercado editorial didático, principalmente no que tange as tecnologias.

Constata-se, afinal, que os REAs vêm para preencher uma lacuna criada por essa nova atuação do editor, a partir da demanda das novas tecnologias, da ampliação dos formatos e suportes de edição, da abrangência das mídias, fomento da educação a distância e a necessidade do mercado editorial didático por materiais com recursos multimídias. Conforme confirmam os acadêmicos em seus relatos as escolas podem contar com a implementação destes recursos para complementar e qualificar os processos de aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta monografia buscou-se conhecer as possibilidades de atuação do produtor editorial na educação colaborativa e na produção dos Recursos Educacionais, a fim de entender como o produtor editorial se apropria da educomunicação e contribui para a educação aberta. Com o desenvolver deste estudo pode-se aprofundar os conhecimentos sobre o campo da educomunicação, as vantagens e funcionalidades dos recursos educacionais abertos e entender como funciona a EduMIX – Editora Aberta e como o produtor editorial se insere no processo.

O estudo proporcionou a ampliação do ofício do editor, abre-se uma outra alternativa de atuação profissional, algo que não havia sido abordado ainda. O produtor editorial com os seus conhecimentos contribui para aprimorar esses recursos, fornecendo para o mercado, que está cada vez mais competitivo, um material didático inovador, diferenciado e o mais próximo da realidade dos sujeitos envolvidos. Deste modo, no transcorrer da pesquisa, aprendeu-se como vem ocorrendo a inserção desse profissional, em especial os acadêmicos autores das publicações da EduMIX, neste cenário de constante transformação que é o mercado editorial didático. Como um laboratório a editora prepara os acadêmicos para o mercado e as produções são compartilhadas a partir do repositório da própria editora.

Outra questão que levantou-se foi a importância do diálogo com o público receptor e como as escolas contribuíram, principalmente por meio dos professores, após analisar cada um dos projetos desenvolvidos pela editora, notou-se a forte presença da produção colaborativa e o quanto esse trabalho conjunto contribuiu para o resultado final.

Com a utilização desses recursos educacionais abertos as editoras podem apostar no diálogo com seus consumidores para potencializar sua marca e produtos, distribuindo o recurso base em licença aberta e gerando renda a partir de obras derivadas ou até em diferentes formatos. Nesta perspectiva, acredita-se que as funções da cadeia produtiva do livro elencadas neste trabalho são importantes na

hora de produzir o REA e que muitas funções serão modificadas devido à facilidade de compartilhamento por meio da internet.

A partir da breve análise do estudo de caso, acredita-se que de fato ocorreu a democratização da educação, pois houve a preocupação em licenciar o produto de maneira aberta e o cuidado com a produção de um conteúdo acessível a todos e a possível produção de obras derivadas. Com relação à educação aberta, percebeu-se a crescente demanda de recursos inovadores com a educação a distância e a competitividade do mercado. Assim há necessidade das editoras ficarem atentas a essas demandas e a importância da educomunicação como mediadora desse processo.

Tendo em vista que novas mudanças estão sempre por vir, e a tecnologia continua sendo à base das futuras transformações que devem impactar qualquer segmento do mercado editorial, o mercado do livro didático deve estar atento as mudanças, necessidades e possibilidades. Nesse sentido a EduMIX cumpre seu papel, aproveitando da melhor maneira sua presença na universidade para aproximar os futuros produtores editoriais do contexto escolar e conhecendo os sujeitos envolvidos, trabalhando em conjunto para agregar valor aos produtos e potencializar a democratização do conhecimento.

Entretanto, pode-se crer que essa é uma experiência muito rica a qualquer profissional que se aventure a produzir um REA pela primeira vez, uma vez que o editor precisa usar de criatividade e flexibilidade e focar em uma produção que se aproxime dos sujeitos envolvidos que, ao mesmo tempo em que é aberta, possa ser uma publicação de qualidade e referência. Assim, ao finalizar essa pesquisa, acredita-se ter atingido os objetivos propostos, pressupõe-se que o editor pode contribuir com a educação aberta, percebeu-se também a importância da produção colaborativa e o fortalecimento da autoria e coautoria devido à ausência de burocracias com o uso da licença aberta.

Por ser uma experiência rica, para continuidade em um estudo futuro, pretende-se compreender o processo com maior profundidade e conhecer o que essa experiência agrega para os acadêmicos de Produção Editorial. Espera-se, então, que esta pesquisa possa contribuir para as áreas da produção editorial, da educomunicação, dos REAs e para o mercado editorial didático. Contudo,

desejamos que o trabalho sirva também para estimular novas pesquisas sobre a importância de iniciativas para a educação aberta, refletindo sobre o tema em diferentes cenários e contextos culturais.

## REFERÊNCIAS

AMARANTE, Maria Inês. **Rádio Comunitária na escola: adolescentes, dramaturgia e participação cidadã**. Intermeios: São Paulo, 2012.

AMARAL, Andressa, QUARAZEMIN, Flavio, BATTISTI, Laiz, GARCIA, Laura. **Super Mito**. Relatório final do Projeto EduMix. Santa Maria: UFSM, 2014.

AMIEL, Tel. Educação aberta: configurando ambientes, práticas e recursos e educacionais. In: SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson de Lucca (orgs.). **Recursos educacionais Abertos: práticas colaborativas políticas e públicas** - 1.ed. – Salvador. Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital. 2012. p. 17 – 35. Disponível em: <http://www.livrorea.net.br/livro/home.html> Acesso em: 17 de jun de 2015

APARICI, Roberto (Org.). Introdução: a educomunicação para 2.0. In: APARICI, Robert (org.). **Educomunicação : para além do 2.0** ; [tradução Luciano Menezes Reis]. Paulinas, 2014. p. 29 – 42.

ARAÚJO, Emanuel. **A Construção do Livro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL - Instituto Nacional do Livro, 1986, p. 35-54.

BACCEGA, Maria Aparecida. Do mundo editado à construção do mundo. **Comunicação & Educação**, Brasil, n. 1, p. 7-14, dez. 1994. ISSN 0104-6829. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36194>>. Acesso em: 17 nov. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i1p7-14>.

BANDEIRA, Denise. **Materiais Didáticos** – Curitiba. PR: IESDE, 2009. 456 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=TqMtQPLKEbkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 21 de Nov de 2015.

BARROS, Antonio Teixeira; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação** – 2. ed.– São Paulo: Atlas, 2009. p. 32 – 50.

BINOTTO, Luana Londero; JORGE, Vivian. **Infomix**. Relatório final do Projeto EduMix. Santa Maria: UFSM, 2014.

BRAGANÇA, Aníbal. **Sobre o editor. Notas para sua história.** *Em questão*, Porto Alegre, v.11. n.2, p.219-237, jul./dez. 2005.

BRASIL. Lei Nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. **Legislação sobre direitos autorais.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9610.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm)> Acesso em: 10 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Lei 13.005 de 25 de junho de 2014. **Plano Nacional da Educação (PNE).** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm) Acesso em: 05 de nov de 2015.

\_\_\_\_\_. **Guia Digital do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD -2016).** Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/pnld-2016/> Acesso em: 22 de Nov de 2015.

CAMARGO, Bruna Costa, et al. **Indígenas: A Fantástica Históricas dos Kaigangs.** Relatório final do Projeto EduMix. Santa Maria: UFSM, 2014.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Aspectos políticos e econômicos da circulação do livro didático de História e suas implicações curriculares. **História** (São Paulo), vol. 23, núm. 1-2, 2004, pp. 33-48 Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - São Paulo, Brasil.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: UNESP, 1999.

CREATIVE COMMONS. **Sobre as licenças.** Disponível em: <<http://creativecommons.org>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Declara%C3%A7%C3%A3o-Universal-dos-Direitos-Humanos/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.html>> Acesso em: 28 de set de 2015.

DECLARAÇÃO DE CIDADE DO CABO PARA EDUCAÇÃO ABERTA: ABRINDO A PROMESSA DE RECURSOS EDUCATIVOS ABERTOS. Disponível em: <<http://www2.abed.org.br/documentos/ArquivoDocumento539.pdf>> Acesso em: 10 de agosto de 2015.

DECLARAÇÃO DE PARIS SOBRE RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS, 2012. Disponível em: [http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/WPFD2009/Portuguese\\_Declaration.html](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/WPFD2009/Portuguese_Declaration.html) Acesso em: 30 de setembro de 2015.

DUARTE, Marcia; Yukiko Matsuuchi. Estudo de Caso. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. – 3. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009. p. 215 – 235.

EARP, Fábio Sá; KORNIS, George. E-book. **A Economia da Cadeia Produtiva do Livro**. Rio de Janeiro: BNDES, 2005. Disponível em: [http://www.bndespar.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/ebook/ebook.pdf](http://www.bndespar.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/ebook/ebook.pdf) Acesso em: 08 de out de 2015

EPSTEIN, Jason. **O negócio do livro : passado, presente e future do mercado editorial** / Jason Epstein: tradução Zaida Maldonado. – Rio de Janeiro: Record, 2002.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor** ; tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. –Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Disponível em: [www.forumeja.org.br/files/MedoeOusadia.pdf](http://www.forumeja.org.br/files/MedoeOusadia.pdf) Acesso em: 23 de Nov de 2015.

FURTADO, José Afonso. **O papel e o pixel. Do impresso ao digital: continuidades e transformações** / José Afonso Furtado ; prefácio de Aníbal Bragança. – Florianópolis : Escritório do livro, 2006.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. **Comunicação & Educação**, Brasil, n. 23, p. 57-70, abr. 2002. ISSN 0104-6829. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37017>>. Acesso em: 17 nov. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i23p57-70>.

GONSALES, Priscila. Aberturas e Rupturas na formação de professores. In: SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson de Lucca (orgs.). **Recursos educacionais Abertos: práticas colaborativas políticas e públicas**. – 1.ed., 1 imp. – Salvador. Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital. 2012. p. 143 – 152. Disponível em: <http://www.livrorea.net.br/livro/home.html> Acesso em: 17 de jun de 2015



HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil : Sua História.** [trad. de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza] – 3. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

JAEGER, Camila, et al. **Cartilha do alcoolismo: do aluno para a família.** Relatório final do Projeto EduMix. Santa Maria: UFSM, 2014.

KAPLÚN, Mario. **El comunicador popular.** Quito Ecuador, 1976. Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/253301070/COMUNICADOR-POPULAR-MARIO-KAPLUN-pdf>> acesso em: 01 de Nov de 2015.

KAPLÚN, Mario. **Uma pedagogia de La comunicación.** Madri, Ediciones de La Torre, 1998. Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/6881539/Mario-Kaplun-Una-Pedagogia-de-la-comunicacion#scribd>> Acesso em: 01 de Nov. de 2015.

KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento.** – São Paulo: Paulinas, 2011. p. 175 – 186.

KAPLÚN, Mario. Uma pedagogia da educação. In: APARICI, Robert (org.). **Educomunicação: para além do 2.0.** / Roberto Aparici (org.) ; [tradução Luciano Menezes Reis]. Paulinas, 2014. p. 59 – 78

KIPERMANN, Celso. De editora a empresa de educação. In: BARCELLOS, Clô; BARCELLOS, Marília. (Orgs). E-book. **VII Seminário O Negócio do Livro: mercado editorial em debate.** Santa Maria: PRE pE.com UFSM, 2015. Não Paginado.

LOSSO, Claudia Regina Castellano, SARTORI, Ademilde Silveira. Novas configurações da comunicação na sociedade mediada pelas tic e os reflexos nos ecossistemas educativos. . In: SARTORI, Ademilde Silveira (org.). **Educomunicação e a criação de ecossistemas comunicativos : diálogos sem fronteiras** – Florianópolis: DIOESC, 2014. p. 101 – 106.

LOPES, Andrei R.; OLIVEIRA, Izabelli; MACHIAVELLI, Marina. **“Vamos fazer o melhor para o mundo...” – Manual de reciclagem a leitura.** Relatório final do Projeto EduMix. Santa Maria: UFSM, 2014.

MARTINS, Carine, et al. **Recursos Educacionais Abertos: Contando o Conto, o professor como medidor de mudanças.** Relatório final do Projeto EduMix. Santa Maria: UFSM, 2014.

MELLO, Andressa Spencer, et al. **Descola: Guia prático de REA em língua portuguesa.** Relatório final do Projeto EduMix. Santa Maria: UFSM, 2014.

MELLO, Bruno, et al. **“Quase Ministro: audiodrama”.** Relatório final do Projeto EduMix. Santa Maria: UFSM, 2014.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** – 2. ed. – 3. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009. p. 280 – 304.

MUNIZ, José Jr. Editoração, mediação e poder: a meritocracia dos mercados simbólicos e a arbitragem do editor de livros. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. **Anais...** Escola de Comunicação e Artes da Universidade Federal de São Paulo, 2007. p.01-13

NOAL, Alessandra, et al. **O uso da Histórias em Quadrinhos no ensino do desenho.** Relatório final do Projeto EduMix. Santa Maria: UFSM, 2014.

POLGA, André, et al. **Processos Editoriais na Escola.** Relatório final do Projeto EduMix. Santa Maria: UFSM, 2014.

PRETTO, Nelson de Lucca. Professore-autores em rede. In: SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson de Lucca (orgs.). **Recursos educacionais Abertos: práticas colaborativas políticas e públicas.** – 1.ed., 1 imp. – Salvador. Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital. 2012. p. 91 – 108. Disponível em: <http://www.livreorea.net.br/livro/home.html> Acesso em: 17 de jun de 2015

ROSA, Rosane. Direito à Educomunicação : Uma alternativa à democratização da comunicação. In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil (org.). **Educação e comunicação para os direitos humanos.** – Ijuí ; Ed. Unijuí, 2015. p. 123 – 143.

ROSA, Camila Nunes, et al. **Crescer com segurança – Desenvolvendo estratégias para a prevenção de acidentes com crianças.** Relatório final do Projeto EduMix. Santa Maria: UFSM, 2014.

ROSSINI, Carolina. Aprendizagem digital, recursos educacionais abertos e cidadania. In: SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Cidadania e Redes Digitais**. – 1a ed. – São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil : Maracá – Educação e Tecnologias, 2010. *Disponível em:* <http://www.cidadaniaeredesdigitais.com.br/files/livro.pdf> Acesso em: 3 de set de 2015

ROSSINI, Carolina; GONZALEZ, Cristina. REA: o debate em política pública e as oportunidades para o mercado. In: SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson de Lucca (orgs.). **Recursos educacionais Abertos: práticas colaborativas políticas e públicas**. – 1.ed., 1 imp. – Salvador. Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital. 2012. p. 37 – 69. Disponível em: <http://www.livrorea.net.br/livro/home.html> Acesso em: 17 de jun de 2015

SANTOS, Boaventura de Sousa. 1940 – **Renovar a teoria crítica e emancipação social** ; tradução Mouzar Benedito. – São Paulo : Boitempo, 2007.

SANTOS, Andreia Inamorato dos. **Recursos Educacionais Abertos no Brasil: o estado da arte, desafios e perspectivas para o desenvolvimento e inovação** — São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013.1,6 Mb ; Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002279/227970por.pdf>>. Acesso em: 01 de Nov de 2015.

SANTOS, Inamorato Andreia. Educação aberta: histórico, práticas e o contexto dos recursos educacionais abertos. In: SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson de Lucca (orgs.). **Recursos educacionais Abertos: práticas colaborativas políticas e públicas**. – 1.ed., 1 imp. – Salvador. Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital. 2012. p.71 – 90. Disponível em: <http://www.livrorea.net.br/livro/home.html> Acesso em: 17 de jun de 2015

SARTORI, Ademilde Silveira et al. Desenho animado. Blogs e Youtube: Elemento para pensar práticas pedagógicas educacionais. In: SARTORI, Ademilde Siveira (org.). **Educomunicação e a criação de ecossistemas comunicativos : diálogos sem fronteiras**.– Florianópolis: DIOESC, 2014. p. 67 – 86.

SENNA, Rayanne, AVILA, Tania. **Conte comigo – Os problemas de Junior (Maria Rita)**. Relatório final do Projeto EduMix. Santa Maria: UFSM, 2014.

SILVA, Robson Santos da. **Objetos de aprendizagem para educação a distância**. São Paulo : Novatec Editora, 2011.

SOARES, D. **Educomunicação: o que é isto?** , 2006. Disponível em: <[http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao\\_o\\_que\\_e\\_isto.pdf](http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao_o_que_e_isto.pdf)>. Acesso em: 7 jun. 2014.

SOARES, I. O. **Ecosystemas comunicativos.** (s.d.) Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/28.pdf>>. Acesso em: 13 de jun. 2015.

\_\_\_\_\_, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação : contribuições para a reforma do ensino médio** / Ismar de Oliveira Soares. – São Pulo; Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_, Ismar de Oliveira. Introdução à edição brasileira. In: APARICI, Robert (org.). **Educomunicação : para além do 2.0** / Roberto Aparici (org.) ; [tradução Luciano Menezes Reis]. Paulinas, 2014. p. 7 – 27.

SOARES, Marcos Rodrigo. **Produção de livro digital com software livre na Escola Municipal de Ensino Fundamental Caic – Luizinho de Grandi, de Santa Maria.** Relatório final do Projeto EduMix. Santa Maria: UFSM, 2014.


SNEL; FIPE. **Pesquisa sobre o mercado editorial.** (ano base-2014). Disponível em: < <http://www.snel.org.br/dados-do-setor/producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro/>>

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação** – 2. ed. – 3. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009. p. 51 – 61.

TAPSCOTT, Don. **Geração Digital: A Crescente e Irreversível Ascensão da Geração Net**; tradução Ruth Gabriela Bahr; revisão técnica Luiz Ricardo Figueiredo. São Paulo: MAKRON Books, 1999.

THOMPSON, John B. **Mercadores de Cultura: o mercado editorial no século XXI.** Tradução de Alzira Allegro. São Paulo: Editora Unesp, 2013. Título original: *Merchants of culture.*

## ANEXO A – BIBLIOGRAFIA DA DISCIPLINA

	<b>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA</b>  <b>BIBLIOGRAFIA</b>
---	---

DEPARTAMENTO:

<b>CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO</b>
--------------------------------


IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA:

CÓDIGO	NOME	(T-P)
COM	PROJETO EXPERIMENTAL EM EDUCAÇÃO	(2-6)

BIBLIOGRAFIA:

<p><b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b></p> <p>ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. <b>Educomunicação: O Pensamento Latino-Americano sobre Educação para a Mídia e a Produção Literária Nacional sobre o Tema.</b> CELACOM, 2012. Disponível em: <a href="http://www2.faac.unesp.br/celacom/anais/Trabalhos%20Completos/GT1-%20Pensar%20e%20Comunicar%20a%20Am%C3%A9rica%20Latina/5.Ligia%20Beatriz%20Educomunicao.pdf">http://www2.faac.unesp.br/celacom/anais/Trabalhos%20Completos/GT1-%20Pensar%20e%20Comunicar%20a%20Am%C3%A9rica%20Latina/5.Ligia%20Beatriz%20Educomunicao.pdf</a></p> <p>BRITO, Tatiana Feitosa de. <b>O livro didático, o mercado editorial e os sistemas de ensino apostilados.</b> Brasília: Centro de Estudos da Consultoria do Senado Federal, 2011. Disponível em: <a href="http://www.senado.gov.br/senado/conleg/textos_discussao/TD92-TatianaFeitosadeBritto.pdf">http://www.senado.gov.br/senado/conleg/textos_discussao/TD92-TatianaFeitosadeBritto.pdf</a></p> <p>CITELLI, Adílson Odair &amp; COSTA, Maria Cristina Castilho. <b>Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento.</b> Editora Paulinas, 2011.</p> <p>LUPTON, Ellen. <b>Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes.</b> São Paulo: Cosac Naify, 2006.</p> <p>SAMARA Timothy. <b>Guia de Design editorial: manual prático para o design de publicações.</b> Porto Alegre: Bookman, 2011.</p> <p><b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b></p> <p>ARAÚJO, Emanuel, 1942-2000. <b>A construção do livro: princípios da técnica de editoração.</b> São Paulo: Fundação Editor da Unesp, 2008.</p> <p>FILHO, Plínio Martins; ROLLEMBERG, Marcello. <b>Edusp: Um Projeto Editorial.</b> São Paulo: Edusp, 2001.</p>
--

## ANEXO B – PROGRAMA DA DISCIPLINA

	<h3>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA</h3> <h3>PROGRAMA DE DISCIPLINA</h3>	
<b>DEPARTAMENTO:</b>		
<b>CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO</b>		
<b>IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA:</b>		
CÓDIGO	NOME	(T-P)
<b>COM</b>	<b>PROJETO EXPERIMENTAL EM EDUCAÇÃO</b>	<b>(2-6)</b>
<b>OBJETIVOS - ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de :</b>		
Explorar o universo das publicações em educação e educomunicação, suas características, agentes, critérios de qualidade, ter competências para atuarem como editores, com ênfase para a gestão do processo editorial planejamento, execução e pós-execução de produto editorial experimental na área da educação e educomunicação, com estudo aprofundado de fundamentos educomunicacionais e aplicação de conhecimento teórico-prático adquirido no decorrer do curso. Ser profissionais editores/gestores editoriais atuantes na produção, processamento e divulgação da informação sobre educação e educomunicação.		
<b>PROGRAMA:</b>		
<b>TÍTULO E DISCRIMINAÇÃO DAS UNIDADES</b>		
<b>UNIDADE 1 - EDITORAÇÃO NA ÁREA DA EDUCAÇÃO</b>		
1.1 - O sistema e as políticas de educação. 1.2 - O universo das publicações em educação. 1.3 - O mercado editorial das publicações para educação. 1.4 - Publicações educomunicacionais.		
<b>UNIDADE 2 - PLANEJAMENTO EDITORIAL E PRÉ-PROJETO</b>		
2.1 - Definição do cronograma de gestão editorial. 2.2 - Definição das características do produto experimental: suporte, título; subárea de conhecimento; público-alvo: leitores e autores; abrangência; periodicidade; direitos autorais; sistemática para a seleção e avaliação dos artigos; comissão editorial; idiomas; seções temáticas; dados de identificação do fascículo. Definição da linha e política editoriais (critérios para seleção dos originais; normas para apresentação dos originais; forma de submissão); composição da equipe editorial. 2.3 - Definição do projeto gráfico. 2.4 - Elaboração da base de dados de autores, leitores e avaliadores.		
<b>UNIDADE 3 - EXECUÇÃO DO PROJETO</b>		
3.1 - Elaboração do cronograma editorial. Elaboração e divulgação do edital para captação dos originais. 3.2 - Recebimento e triagem dos textos e artigos. 3.3 - Envio para avaliação. Revisão e tratamento dos originais. 3.4 - Diagramação da revista. Elaboração da capa, ilustrações e sumário. 3.5 - Fechamento do arquivo e envio para a gráfica. 3.6 - Orçamento e provas. 3.7 - Revisão final. 3.8 - Publicação.		

PROGRAMA: (continuação)

---

UNIDADE 4 - PÓS-EXECUÇÃO DO PROJETO

- 4.1 - Lançamento.
- 4.2 - Indexação.
- 4.3 - Divulgação.
- 4.4 - Distribuição e circulação.